

GUERRA DA TARIFA 2005

uma visão de dentro do
MOVIMENTO PASSE-LIVRE EM FLORIPA

Leo Vinicius





GUERRA DA TARIFA 2005

UMA VISÃO DE DENTRO
DO MOVIMENTO PASSE-LIVRE
EM FLORIPA





GUERRA DA TARIFA 2005

UMA VISÃO DE DENTRO
DO MOVIMENTO PASSE-LIVRE
EM FLORIPA

Leo Vinicius

2005
(C) Copyleft
Faísca Publicações Libertárias





Diagramação e capa: Felipe Corrêa

(C) Copyleft - É livre, e inclusive incentivada, a reprodução deste livro, para fins estritamente não comerciais, desde que a fonte seja citada e esta nota incluída.

Faísca Publicações Libertárias

www.editorafaisca.net

Caixa Postal 1731 - São Paulo/SP 01009-972

faisca@riseup.net

NOTA DO AUTOR:

Agradeço aos companheiros do MPL-Floripa, que com suas críticas e comentários a este texto contribuíram imensamente para seu aperfeiçoamento e enriquecimento, embora não concordassem necessariamente com as visões aqui apresentadas.



Começo a escrever este relato no dia 6 de julho de 2005. Daqui a dois dias se completará um ano da vitória popular na primeira, do que chamei, *Guerra da Tarifa*, e de que outros chamaram *Revolta da Catraca*. Ou seja, tendo em conta o decreto do prefeito revogando o aumento em 21 de junho deste ano, em menos de um ano a ação direta de boa parte da população de Florianópolis fez dois aumentos das tarifas de ônibus serem revogados.

Mais uma vez, antes que os fatos se esfriem totalmente e se percam da minha memória, tentarei fixá-los no papel eletrônico. Mais uma vez, com todas as suas semelhanças e diferenças da revolta/movimento contra o aumento das tarifas de 2004, em 2005 tivemos uma experiência por demais rica, em termos de luta social, para que ela se perca, deixando de servir de exemplo, de aprendizado e de inspiração.

Tentarei não ser repetitivo no que houve de semelhante. É pertinente que o leitor conheça já, tendo lido, o relato que fiz sobre

o contexto em Florianópolis e os acontecimentos do ano passado¹, e que conheça de preferência também a introdução do livro, de nome *A Guerra da Tarifa*², em que faço mais alguns apontamentos, análises, além de um breve histórico de importantes momentos da luta pelo Passe-Livre estudantil em 2004, em Florianópolis.

* * *

Destacar algumas diferenças em relação a 2004 talvez seja a melhor maneira de começar um relato sobre 2005. A começar pelo fato de, este ano, o relato ser feito por um integrante do Movimento Passe-Livre, e tudo que isso implica de envolvimento maior e responsabilidade por fazer parte de uma organização que, fora isso, era o próprio olho do furacão. Nesse sentido, se ano passado eu era um “independente” que participou da revolta, este ano eu era parte, idealmente falando, de um coletivo, com tudo que isso implica de ações em comum, idéias em comum, responsabilidade comum.

Quando digo que o Movimento Passe-Livre era o próprio “olho do furacão”, não quero dizer simplesmente que ele teve uma participação importante ou central nos acontecimentos, mas que é realmente muito difícil imaginar que a revolta e o movimento contra o aumento das tarifas de 2004 e de 2005 tivessem acontecido – do jeito que aconteceram e com o resultado que tiveram – se o Movimento Passe-Livre não existisse. Ou melhor, se o Movimento Passe-livre não tivesse feito um trabalho anterior em torno da questão do transporte coletivo na cidade. Trabalho esse que se estende por anos... Como já disse, não quero me repetir no que já havia

¹ A Guerra da Tarifa:

<http://www.midiaindependente.org/es/red/2004/07/286542.shtml>

² O livro pode ser adquirido pelo site da Faísca: www.editorafaisca.net

escrito em textos anteriores. E aqui começa também, talvez, a principal diferença no fato de, este ano eu ser integrante do Movimento Passe-Livre, em relação à construção de um relato, de uma análise. Se ano passado eu me sentia muito à vontade para realçar a participação e a importância do Passe-Livre na constituição e condução dos acontecimentos, este ano, prefiro correr o risco de minimizar a atuação e positividade do Movimento Passe-Livre do que correr o risco, que me desgosta mais, de que o relato soe autopromocional, como fazem costumeiramente partidos e outras organizações políticas. Até porque a importância do MPL-Floripa nesses processos já é tão destacada que mesmo a grande imprensa a aponta, para não dizer a população em geral. Por tudo isso, um espírito de autocrítica se faz mais presente este ano, na construção deste texto.

* * *

Outra diferença: o clima de mudança de subjetividade coletiva no ar, e de todo o resto das nossas vidas cotidianas ficarem insignificantes, o que salientei na introdução do livro acima citado, não foi sentido em 2005. Nem por mim nem pelos que compartilharam essa mesma sensação no ano passado. Eu poderia supor que tivesse sido pelo fato de eu me sentir mais responsável pelo “bom” andamento dos acontecimentos este ano, ou seja, da revolta/movimento ser sentido um pouco como tarefa, por minha parte. Mas acho que essa ausência esteve mais relacionada com as manifestações deste ano serem em parte uma “reprise”, entrarem na previsibilidade, na repetição...

Primeiro ano de governo do novo prefeito, Dário Berger, do PSDB. Ele é dono de empresa de transporte coletivo. No entanto a empresa dele faz linhas intermunicipais, não esteve diretamente envolvida nos acontecimentos. Mas a diferença substancial em relação ao governo municipal anterior esteve no fato de o PSDB estar alinhado politicamente ao PMDB em Santa Catarina. Se em

2004 o governador do estado (PMDB) não tinha interesse nenhum em reprimir manifestantes para satisfazer a prefeitura do PP, e ter com isso um saldo político negativo, em 2005 a configuração política era outra. Em 2005 a polícia e o governo do estado não pouparam esforços para reprimir as manifestações. Se ano passado eu havia escrito que: “Talvez um certo liberalismo do governador do estado, do secretário de segurança pública e mesmo do comandante geral também tenham entrado em jogo. Mas o principal provavelmente tenha sido a conjuntura e o interesse político (...)”, este ano ficou mais do que claro que de liberal o governador Luiz Henrique da Silveira não tem nada. Suas declarações em 2004 de que “no meu governo polícia não bate em estudante” e outras frases de cunho parecido foram retóricas para justificar uma atuação leve da polícia, ao contrário do que pedia a prefeitura do PP na ocasião. Pois tanto a prática quanto o discurso do governador mudaram da água para o vinho, de um ano para o outro.

Quem esteve nas ruas, mais uma vez, este ano, pôde ter aulas práticas de ciência política, observar e sentir qual a função do Estado (defender os interesses dos capitalistas, aha!), comprovar a existência de algo que se costuma chamar “luta de classes” e por conseqüência a existência delas. A luta de classes põe a nu o Estado, a imprensa burguesa e os interesses de classe que fundam as instituições sagradas que conhecemos.

Bem, se ano passado a população conseguiu vencer em uma semana e meia, este ano foram mais de três semanas para se conseguir a vitória. E, de fato, o nome “guerra” se justificou mais.

* * *

Após a conquista popular da revogação do aumento de 15,6% em julho de 2004, os empresários do transporte coletivo e a prefeitura esperaram as eleições municipais passarem, as férias

escolares comecem e as vésperas de Natal chegarem para impor à população um aumento mais “palatável”, de 6,8%. O Movimento Passe-Livre tentou em vão mobilizar estudantes e população, dia 23 de dezembro. A tentativa não surtiu efeito algum.

Mesmo avisado por membros do Movimento Passe-Livre de que haveria resistência se as tarifas fossem aumentadas, a prefeitura do PSDB pagou para ver. No meio de um feriadão, numa sexta-feira, dia 27 de maio de 2005, sai a notícia de que as tarifas estariam mais caras em média 8,8% a partir de domingo, dia 29.

O aumento de 8,8% iria completar os 15,6% que causaram a revolta popular em 2004, já que 6,8% os empresários já haviam conseguido conquistar em dezembro de 2004. As passagens mais caras, as que vão para o sul e norte da ilha, iriam custar R\$ 3,00. O aumento foi autorizado por um juiz, concedendo legalidade ao decreto da prefeitura que havia aumentado as tarifas em 15,6% em junho de 2004, e portanto derrubando a ação judicial que havia revogado aquele aumento. Fontes nos disseram que havia sido o próprio secretário de transporte da prefeitura, Norberto Stroisch, que havia pessoalmente conversado com o juiz para liberar o aumento, fazendo o papel de verdadeiro testa de ferro e advogado das empresas de transporte. Papel esse que ficou bastante evidente na postura e nas declarações da prefeitura durante as semanas de manifestações, só se revertendo quando a prefeitura, jogando a toalha, não agüentou mais a condição de isolamento em que acabou ficando devido às mobilizações populares e revogou o aumento por decreto, com um discurso já diferente, não advogando mais retoricamente em favor das empresas. Mas chegaremos lá...

Naquele feriadão, vários integrantes do Movimento Passe-Livre estavam participando de uma atividade de formação teórica da Juventude Revolução Independente – a primeira atividade desse tipo, dessa organização, em anos. Diferentemente de discussões acadêmicas ou de grupos de estudo encerrados em si mesmos, a passagem imediata da teoria para a prática apontou qual era a

verdadeira vocação daquele grupo. Em meio ainda às oficinas de formação, à reunião ordinária do Passe-Livre, realizadas aos sábados, foi acrescentada a importante pauta da resistência ao aumento.

A esta reunião, extraordinariamente, compareceram não somente os integrantes do MPL, mas também vários membros do PSTU, além de independentes. A pauta única acabou sendo a articulação e organização da resistência ao aumento. A volta das tarifas aos valores anteriores seria a condição inegociável de parar as manifestações. Ao mesmo tempo, foi acertado chamado para um grande ato na quinta-feira, dia da semana que havia ficado no imaginário das pessoas por ter sido o dia da semana do ultimato e da conquista do ano anterior.

* * *

Tarefas foram divididas. Um panfleto iria ser (e foi) feito, assinado por “Comitê de Resistência ao Aumento da Tarifa”. Conseguir algum som, fazer contato com associações do norte da ilha foram algumas das outras tarefas feitas durante o domingo. Combinou-se que todos se encontrariam às 7h da manhã de segunda-feira, dia 30 de maio, em frente ao TICEN (terminal do centro), dando início às mobilizações de rua. Para tanto, muitos iriam acampar em um sindicato no centro da cidade, mesmo local onde aconteceria uma última reunião preparatória, ainda no domingo.

Sete horas da manhã de segunda-feira em ponto, eu e outros companheiros estávamos na frente do TICEN. Com um megafone chamávamos a população para resistir ao aumento. Éramos algumas dezenas, pelo que me lembro. Bem, com aquele número não poderíamos fazer muita coisa. Algumas duplas se incumbiram de passar em colégios e escolas, durante o dia, chamando para concentração em frente ao TICEN. Ficamos de nos encontrar ali novamente no fim de tarde: horário e local que já eram de conhecimento

tácito da população, estabelecido pela dinâmica dos manifestantes no ano anterior.

No terminal de Canasvieiras (TICAN), no norte da ilha, manifestantes obstruíram a entrada e saída dos ônibus por várias horas. Como em 2004, o norte da ilha sempre se destacou como foco de resistência e de manifestações diárias no terminal de ônibus da região. Mas este ano havia algumas diferenças. Militantes de associações de bairro daquela região haviam recebido, ano passado, um “interdito proibitório”, medida judicial que proibia o indivíduo de se aproximar dos terminais da cidade para se manifestar. Além disso, a partir deste ano o TICAN passou a ter um novo vizinho: a Escola Jovem, um novo colégio estadual, construído bem ao lado do terminal. E era basicamente os estudantes desse colégio que, desde segunda-feira e durante toda a primeira semana de resistência, iriam fechar o TICAN, a estrada que leva ao norte da ilha, e se manifestar contra o aumento das tarifas. Iriam ser reprimidos e perseguidos duramente pela tropa de choque. Agredidos e feridos também por motoristas e cobradores da empresa Canasvieiras, que agiam, e provavelmente recebiam, como capangas da empresa.

A luta travada por estudantes, e também por professores, da Escola Jovem, iria lhes render uma dura pressão e repressão. E quando falamos de repressão, falamos de repressão policial, com tudo que ela tem de violência e arbitrariedade... Os estudantes começaram a ser revistados pela polícia antes de entrarem na escola; professores que participavam das manifestações eram os primeiros a sofrer ameaças da polícia, dizendo que seriam presos. Todo tipo de pressão psicológica e de terrorismo começou a ser utilizado para fazer com que a Escola voltasse a ser tão somente aquilo que deveria ser, pois nada mais disfuncional do que uma escola se tornar ninho de “subversivos”, geradora de uma coletividade manifestante (pois não nos enganemos, o manifestante é sempre um ser coletivo)... Ameaças diretas da secretaria estadual de educação avisando que iria demitir professores que estivessem participando

das manifestações (não somente da Escola Jovem) não foram fatos isolados. Chegou-se ao ponto em que uma delegada da polícia, durante a semana, declarou a um jornal que iria enquadrar professores da Escola Jovem em crime de “formação de quadrilha” (sic). Absurdo? Pois bem, voltemos à segunda-feira, dia 30 de maio...

Final de tarde, em torno de 17h30-18h. Algumas centenas de pessoas se concentravam em frente ao TICEN. Uma caixa de som, emprestada pelo Sindicato dos Trabalhadores da UFSC, ajudava nas falas. Fechávamos a avenida Paulo Fontes. A composição dos manifestantes? Jovens, estudantes, sem dúvida era a maioria. Mas já se podia notar uma composição um pouco diferente dos primeiros dias de revolta de 2004. Jovens de morros já se faziam presentes em algum número, por exemplo.

A experiência e a memória do ano passado iriam definir também o que seria este ano. Entre outras coisas, acredito que elas definiram uma maior “radicalização” dos manifestantes, no que diz respeito às ações de rua. O que faríamos? “Ponte, ponte!” seria um grito ouvido à exaustão durante as assembléias em frente ao TICEN durante as semanas de manifestação. As pontes que ligam a ilha ao continente se tornaram uma espécie de signo para boa parte dos jovens que se concentravam diariamente na frente do TICEN, fruto das jornadas do ano passado e das passeatas sobre as mesmas que aconteceram ineditamente na ocasião. Um signo de vitória? Um signo de poder (popular)? Um signo de colhão? Um signo de humilhação do adversário, como uma embaixada ou um gol entre as pernas? Bem, para as autoridades a ponte se tornara também um signo, e uma questão de honra. Um signo da sua própria autoridade.

Antes mesmo da assembléia decidir qualquer coisa, a tropa de choque já estava posicionada para impedir o acesso à ponte por parte dos manifestantes. Como já disse, este ano o chefe da polícia (o governo do estado), estava alinhado politicamente com a prefeitura. Muito embora a idéia não fosse nem um pouco simpá-

tica para as cabeças mais pensantes e articuladas do movimento, porque não realista e não inteligente, a proposta de ir à ponte venceu. Proposta “suicida” sem dúvida, mas que nem por isso deixou de vencer com folga. O que restou para alguém (a “liderança”!) com reconhecimento e boa argumentação era mostrar que não se estava em condições de enfrentar a tropa de choque, que não ganharíamos nada com alguém ferido e que, caso a polícia não quisesse deixar a gente passar, o melhor a fazer era pararmos em frente a ela, cantarmos o hino nacional e voltarmos. E foi o que aconteceu.

Em frente ao TICEN, novamente, foi decidido ir à Câmara de Vereadores, cobrar uma posição dos legisladores municipais. Em frente à Câmara, enquanto se pedia aos vereadores que descessem para falar com as pessoas na rua, alguns companheiros já apareceram com ovos nas mãos. Me ofereceram. Eu rejeitei. Acha que não era a oportunidade de jogar ovos. Para os que não sabem, a noite de 26 de outubro de 2004, quando a lei do passe-livre em Florianópolis foi votada em primeira sessão, ficou conhecida como “noite das ovadas”. Os manifestantes do lado de fora da Câmara atiraram ovos nos vereadores quando esses tentaram ir embora sem votar o projeto de lei em segunda sessão. Pois bem, voltando a este ano, não eram provocadores que haviam comprado os ovos para atirar na Câmara. Eram conhecidos e companheiros. Mais um sinal, já no primeiro dia de manifestações, que o espírito dos manifestantes este ano estava mais ousado, ou menos refletido, ou mais “radicalizado”, como se queira. Tentei instruir para que não jogassem os ovos na polícia, porque era interessante atrair a simpatia dos policiais ao movimento (lembrando da estreita relação que o Movimento Passe-Livre tinha com a associação dos praças), e porque atirar ovos nos policiais seria motivo suficiente para eles avançarem e nos dispersarem, dando um fim à manifestação naquele dia. Eu preferia que os ovos nem estivessem ali. Mas acho que o meu papel não deveria ser o de se contrapor à espontaneidade e iniciativa das massas, das pessoas, mas tentar reverter essa espon-

taneidade em consequência política favorável aos próprios anseios populares. Eles não me eram próximos o suficiente para dizer simplesmente a eles que não jogassem os ovos... Que se atirem os ovos, portanto. Cabia-me convencê-los então do melhor alvo e do melhor momento para jogá-los...

Respingos caíram nos policiais, que de certo se sentiram incomodados com isso, mas os ovos miraram as janelas da Câmara, que acabaram sendo fechadas pelos funcionários. Com apenas um ou dois vereadores descendo para falar com os manifestantes, alguém propôs que a manifestação se dirigisse a uma esquina na saída do terminal Cidade de Florianópolis. Eu apenas segui a manifestação. De fato não sabia quais eram os planos e para onde estávamos indo, pois estava longe do som quando foi decidido o novo itinerário. Era apenas uma caminhada de cem metros até lá. A idéia de parar naquela esquina era obviamente infeliz. O local era escuro, cheio de pedras prontas para serem atiradas, com pouca visibilidade pela população... um verdadeiro curral pra polícia nos atacar.

A bola do que poderia acontecer já tinha sido cantada por alguns companheiros. Quando alguém começou a esvaziar um pneu de um ônibus (pelo que me disseram), a polícia começou a atacar com bombas de efeito moral e balas de borracha. Feridos evidentemente não faltaram. Alguns revidaram com pedras na polícia.

Se isso não bastasse, depois da carga da polícia ter parado, um punk que se diz "anarco", teve uma atitude inteiramente fascista, atacando fisicamente uma figura reconhecida pelo movimento, e tido sempre pela imprensa como uma das lideranças do movimento. Se não bastasse, o mesmo "punk" ainda queria caçar outros dois companheiros, reconhecidamente honestos, sinceros e combativos, chegando a desferir socos em um deles. Nada melhor para as autoridades do que ver os manifestantes se esmurrando entre si. Uma cena lamentável. Mais lamentável ainda sendo protago-

nizada por alguém que se diz “anarco”, mas que, na prática, usa os mesmos métodos dos fascistas para resolver diferenças “políticas”: a força física e a violência³. Pior, atacando quem está do mesmo lado da barricada, atacando exatamente aqueles mais visados pela polícia... Infelizmente essas peças confusas e perdidas no mundo estão por aí para bem ou para mal, e temos coisas mais importantes a tratar. Só entrei nesse ponto porque ele é um elemento para entender o que aconteceria logo em seguida, e que daria definitivamente àquele primeiro dia de manifestações um ar de tristeza, senão de derrota.

Com toda a confusão e estresse gerados pela repressão policial e pela repressão desses (alguns) punks, resolvemos ir embora. Quero dizer, nós, da JRI e do MPL, resolvemos ir embora. Saíamos em grupo, com a cabeça e a atenção desviada pela recém-confusão com aqueles punks... Sem dúvida isso ajudou a esquecermos da polícia e não tomarmos o devido cuidado na saída.

O grupo andou poucos metros. Policiais a paisana já esperavam. Eu fiquei um pouco para trás do grupo, com minha bicicleta, esperando um companheiro trazer um cadeado para ela. Pude ver os policiais militares se aproximando, obviamente para fazer prisões. Só pude gritar “cuidado”. Era tarde. Não havia muito o que fazer. De um grupo de cerca de dez pessoas, todos da JRI e do MPL, vários conseguiram fugir. Eu me aproximei, mas nada podia fazer, sob o risco de ser mais um detido. Quatro foram presos: André, Matheus, Marcelo e Flora. Um deputado estadual do PT, que tentou impedir a prisão de um deles foi jogado ao chão pela polícia. Matheus, por ser advogado, foi liberado na delegacia.

A polícia sabia exatamente quem queria. Via o Movimento Passe-Livre como a “cabeça” do movimento pela redução das ta-

³ Entre esse tipo de “anarcopunk” e um nazi-skin eu de longe prefiro um nazi-skin, porque o último diz o que realmente é, não é lobo em pele de cordeiro.

rifas. Prenderam aqueles com maior visibilidade do Movimento Passe-Livre, já “velhos” conhecidos.

Na delegacia, Flora era ameaçada de ser enviada ao presídio feminino. Parlamentares do PC do B e do PT se mobilizaram para ajudar e liberar os presos. As acusações? Obstrução de serviço público, incitação ao crime e... *last but not least*... formação de quadrilha! Criminalização de movimentos sociais da forma mais explícita. Os “flagrantes”, nessas e nas outras prisões que iriam ocorrer durante as manifestações, eram em sua imensa maioria falsos e mentirosos. O aparato repressivo estava a serviço das autoridades⁴ e do poder econômico, de forma muito explícita. Forjar flagrantes era a lei.

O advogado acionado para cuidar do caso pediu relaxamento de prisão. Segundo nos foi informado, ordem direta do governador do estado ao juiz competente pedia o não relaxamento da prisão. O juiz teria se indignado com tal intromissão do poder executivo no poder judiciário e, em revelia a tal atitude, teria dado o relaxamento de prisão, sem pagamento de fiança. A delegada, no entanto, teria tido um chique diante disso, dizendo que era uma desmoralização da polícia uma ordem para liberação dos presos. Diante dessa situação o juiz teria estipulado o pagamento de 1500 reais de fiança para cada um dos três presos políticos.

Soltos pelo pagamento da fiança, no entanto os companheiros presos não podiam aparecer mais nas ruas, pois seriam presos novamente e sem chance de responder os processos em liberdade.

A tática do Estado, da Polícia e da Prefeitura estava dada. A tática do porrete, da repressão física, supressão militar e crimina-

⁴ Na terceira semana de manifestações um vídeo da detenção de um jovem era uma prova irrefutável de como o flagrante assinado pelo policial era uma completa farsa.

lização do movimento. Prender logo no primeiro dia aqueles que eles viam como lideranças, fazia parte das intenções. É próprio de uma cabeça formada em uma vida e organização militar e hierárquica achar que tudo funciona nos moldes hierárquicos e militares, ou seja, que uma multidão de corpos agem sob e somente sob ordem de algumas cabeças. A tática da repressão, a menos que ela pudesse chegar ao extremo do assassinato e das prisões e criminalizações arbitrárias em massa, não poderia dar conta de um movimento social, de uma revolta popular que tinha uma questão social muito clara e que englobava toda a população da cidade por trás. Por mais que os órgãos do Estado coloquem agentes para investigar e espionar movimentos sociais e organizações políticas, faltam às autoridades militares e governamentais o espírito e a experiência para entender a dinâmica dos movimentos populares.

Se ao menos tivessem aprendido a lição do ano anterior: quanto mais repressão policial e confronto, mais as manifestações engrossavam... mas não, e a prepotência da força física caiu de quatro...

* * *

Terça-feira, as manifestações continuaram. A avenida Paulo Fontes, em frente ao TICEN, foi constantemente fechada aos automóveis durante as semanas de manifestação. Bastava algumas dezenas de pessoas se sentarem, em geral estudantes com média de 16-17 anos de idade, para ela ser fechada aos carros e ônibus durante o dia. A avenida Mauro Ramos também era bloqueada com certa frequência por alunos do CEFET. Os alunos do colégio Aplicação e do colégio Simão Hess foram incansáveis. Estiveram entre os primeiros a começar as manifestações, desde o primeiro dia, e continuaram bloqueando ruas mesmo mais de vinte dias depois de iniciada a resistência. Costumavam eles se dirigir ao terminal

da Trindade (TITRI), bloqueando a entrada e saída de ônibus e ruas do bairro. Os adolescentes faziam os policiais de gato e sapato. Escreviam nos braços a pouca idade que tinham e as mostravam para os policiais. Modificavam o trajeto a toda hora. Pularam muros do colégio para poderem tomar as ruas... A história das manifestações que os estudantes do Aplicação e do Simão Hess protagonizaram na Trindade mereceria mais destaque neste relato. Mas infelizmente quase não estive lá junto com eles. Porém, nunca é demais lembrar que o Aplicação e o Simão Hess sempre foram bases importantes do Movimento Passe-Livre (principalmente o primeiro colégio). Muitas vezes tenta-se exaltar um espontaneísmo que teria levado a população às ruas. A espontaneidade é sempre, em maior ou menor grau, parte dos levantes e manifestações populares. Mas uma explicação que recorre à “espontaneidade” é desistoricizante e despolitizante. Não foi simples acaso que os alunos do Aplicação e do Simão Hess estavam entre os mais engajados. Não se pode falar das manifestações deste ano sem exaltar a participação desses estudantes nas manifestações da trindade, e a participação e importância dos militantes do MPL que estudam nesses colégios.

A composição de estudantes menores de idade era tão grande e importante no movimento que a prefeitura, ao longo das semanas e percebendo que a repressão policial era ineficiente, começou a veicular uma mensagem na TV instruindo os pais a não deixarem seus filhos participarem das manifestações. Parecia que algumas escolas e muitas famílias não estavam cumprindo seu papel disciplinar requerido pelo Estado para manutenção de uma determinada ordem. Quando escola e família “falham”, pode-se abrir uma rachadura capaz de abalar essa ordem, em determinadas ocasiões.

Grande parte dos manifestantes menores de idade, mas também aqueles maiores, tinham que enfrentar a pressão da família, da escola ou do trabalho para estarem nas ruas. Estavam arris-

cando relações nas suas esferas privadas para se juntarem e formaram esse ente público e coletivo que fez retroceder o aumento das tarifas. Eram jovens que tinham fortes motivações para estarem nas ruas; já que estavam se arriscando ou pagando um preço por isso.

* * *

Bem, havia ficado evidente pela ação da polícia no primeiro dia, que o Movimento Passe-Livre era especialmente visado. Com a prisão e as acusações pesando sobre os companheiros presos no dia anterior, as autoridades haviam conseguido afastar das ruas as pessoas mais reconhecidas do Movimento Passe-Livre. Como veremos mais adiante, essa estratégia se mostrou ineficiente no sentido de barrar o movimento, mas por outro lado, talvez inesperadamente, criou problemas internos para a atuação do Movimento Passe-Livre.

Informações nos chegavam e eram divulgadas pela própria imprensa de que havia uma lista com mais dez pessoas para serem presas, até mesmo com prisão preventiva decretada. O Movimento Passe-Livre, monitorado sabíamos há muito tempo, provavelmente era o mais visado nessa (suposta) lista. A marca do terror de Estado, da supressão das liberdades civis, de criminalização dos movimentos sociais e do estado de exceção que estava sendo implantado, só tendo paralelo com a ditadura militar, podia ser percebido na ausência de camisas do Passe-Livre nas manifestações. Por motivo óbvio de segurança, as pessoas envolvidas no Movimento Passe-Livre, principalmente, deixaram de usar a camisa do seu próprio movimento. Comparando com o ano passado, eram poucas as camisas do Passe-Livre vistas nas manifestações. O clima era de estado de exceção, e não era à toa que eu procurava andar nas ruas com a minha mochila na mão, e não nas costas. Jovem de mochila (nas costas) era o próprio perfil do “criminoso” naquelas

semanas. Certamente não era paranóia da minha parte. Para os que duvidam, basta dizer que um jovem que andava sozinho na rua, em plena luz do dia e diante do movimento dos transeuntes foi preso com um mata-leão no pescoço simplesmente por estar cantando um dos slogans das manifestações. Uma vereadora que apoiava o movimento foi ameaçada de morte por telefone. O clima de perseguição política, de criminalização de movimentos sociais e de estado de exceção não era fruto de paranóia, mas de uma atitude concreta e deliberada do governo municipal e estadual, junto com a instituição polícia.

O limite a essa repressão e estado de exceção foi dado, ao longo da primeira semana e das subseqüentes, pelo apoio e movimentação de uma senhora que chamarei aqui de “sociedade civil”. Logo viu-se que era necessária a articulação com advogados, com grupos de direitos humanos, comissões parlamentares, etc. Era necessário tornar público, nacional e internacionalmente, o que estava acontecendo em Florianópolis.

O limite à repressão estatal é dado – numa situação de democracia (burguesa), de Estado democrático de Direito – pelo custo político que pode ocasionar certos níveis e formas de repressão. É só pelo custo político que acarreta, que, por exemplo, um governo e os interesses por trás dele não matam e desaparecem simplesmente com aqueles que os estão incomodando. Esse custo político, quem lhe impõe, é o que chamo aqui, por não ter outro nome melhor, de sociedade civil. Como sociedade civil compreendo não somente associações civis com ampla legitimidade perante amplo espectro social, mas também a massa de idéias, opiniões e pensamentos disseminados amplamente em meio às pessoas comuns que sustentam uma determinada ordem e que impõe limites aos desvios dessa ordem, dessa normalidade. Acabando de pensar e escrever essa definição, me parece que talvez ela tenha algo de parecido com o conceito gramsciano de sociedade civil, no que ele tem de relativo ao campo cultural e de luta por hegemonia.

Se a sociedade civil repudia um desvio da ordem democrático liberal, a partir de um certo limite ultrapassado pela repressão desenfreada e pela supressão de direitos humanos e civis por parte do Estado e do seu aparato repressivo, essa ultrapassagem gera um custo político aos que estão no poder. Nesse caso, ou a repressão começa a encontrar limites e obstáculos mais sérios, e se conforma mais ou menos a esses limites, ou a própria sociedade civil é tomada como alvo da mesma repressão. Nessa última situação caminha-se para uma ditadura de forma aberta, na qual todo obstáculo à repressão emerge naturalmente como alvo da própria repressão.

* * *

Bem, na terça-feira os servidores municipais fizeram uma paralisação por reajustes salariais. Durante a tarde fizeram assembleia nas escadarias da Catedral. Foram chamados a engrossar as manifestações pela redução das tarifas às 18h na frente do TICEN naquele dia, e também para comparecerem à grande manifestação de quinta-feira. Alguns ouviam boquiabertos os informes das prisões e criminalizações que haviam ocorrido no dia anterior.

A categoria conseguiu um acordo naquele mesmo dia com a prefeitura. Tenho comigo que o movimento contra o aumento das tarifas deve ter jogado um papel bastante favorável, talvez bastante importante, para que os servidores municipais tivessem conseguido uma contraproposta aceitável da prefeitura. Pois certamente seria péssimo naquele momento para a prefeitura que ela fosse alvo de mais um grupo ou categoria de manifestantes. Seria péssimo para ela se ver atacada pelos servidores municipais numa possível greve, e tê-los se juntando aos manifestantes que estavam nas ruas contra o aumento das tarifas. Uma categoria de trabalhadores já estava provavelmente tendo um saldo positivo com as mobilizações contra o aumento das tarifas.

O espaço deixado pela prisão dos companheiros do MPL no primeiro dia foi ocupado principalmente por lideranças de grupos políticos como UJS, PSTU, entre outros. O espaço que me refiro é principalmente o espaço da fala, da articulação na rua. Os companheiros presos iriam se dedicar às articulações fora das ruas. Os companheiros do MPL que não eram tão visados pela polícia não tinham também, na mesma proporção, tanto reconhecimento e respaldo em meio aos jovens que formavam o grosso dos manifestantes em frente ao TICEN, e também não tinham o hábito e a desenvoltura de se colocarem como lideranças organizadoras. E para piorar, além daqueles que aparecem falando mais serem assim identificados como “líderes” pela repressão, a única coisa que poderia ajudar os integrantes do MPL que ficaram nas ruas a terem mais respaldo diante da multidão de manifestantes era exatamente outro fator que os exporia a um enorme risco de serem presos: usar a camisa do Passe-Livre. E logo no dia seguinte às prisões, com a informação de que mais dez estavam para ser presos, os integrantes do MPL que, mesmo sob essa ameaça, foram para a manifestação no centro, apenas se misturaram à multidão, tentando assim se resguardar.

Bem, 18h, terça-feira, avenida Paulo Fontes tomada por manifestantes nos dois sentidos em frente ao TICEN. Uma marcha dos servidores municipais, que saíam da sua mobilização viria engrossar a manifestação. E quando foram avistados chegando, ninguém pôde conter a satisfação de ver a aglomeração ser ampliada daquela forma. Se na segunda-feira, dia 30 de maio, éramos centenas, na terça-feira éramos milhares! As autoridades não haviam aprendido a lição do ano passado: mais repressão, mais gente na rua.

Muito bem, aquelas milhares de pessoas ali (duas mil, três mil?), mas para onde ir? O que fazer? O caminhão de som que acompanhava os servidores municipais não pôde ficar mais do que alguns minutos ali, pois tinha que ir embora. Ficamos apenas

com a caixa de som do SINTUFSC, e já com a bateria fraca. Como aquela multidão iria entrar num acordo sobre o que fazer? Afinal, não eram exército de general algum. O tempo ia passando em frente ao TICEN, e a impressão era de que aos poucos o número de pessoas ia diminuindo, e não mais aumentando. O desespero de ver a falta de capacidade (auto) organizativa daquela multidão, de modo a decidirem coletivamente fazer algo além de ficar ali em pé, quase me tomou. A ausência principalmente de Marcelo Pomar era nítida em momentos como esse. As figuras de entidades estudantis e organizações políticas que ocuparam o espaço da fala pareciam não ter a capacidade e muito menos o reconhecimento e respaldo para facilitar e viabilizar um processo de decisão coletiva. Foi quando Lucas de Oliveira, que rondava por ali naquele dia, tomou a palavra.

Para quem não sabe, Lucas de Oliveira foi por muito tempo, junto com Marcelo Pomar, o principal articulador, ou liderança (se se preferir), da Campanha pelo Passe-Livre em Florianópolis, e membro da JRI. Eram tidos pela imprensa como as duas principais lideranças da revolta contra o aumento das tarifas em 2004. Ano passado, Marcelo foi preso e afastado das ruas no terceiro dia de manifestações. Mas o movimento ainda pôde contar com Lucas nas ruas...

Em novembro de 2004, Lucas de Oliveira anunciou em uma festa que estaria se afastando da militância e se concentraria em conseguir dinheiro para o movimento. Dali em diante o que se viu foi um processo de afastamento de Lucas de Oliveira em dois sentidos. O primeiro, como ele mesmo havia dito, auto-afastamento da militância. O segundo, afastamento dele (e de mais três ou quatro que acompanharam ele) por parte da grande maioria das pessoas envolvidas com a JRI e o Movimento Passe-Livre. Este último afastamento significando que, foi tornado público que Lucas de Oliveira e aqueles quatro que o acompanharam em seus pro-

jetos não participavam mais do Movimento Passe-Livre e não falavam em seu nome.

Foram várias as brigas durante o período que se estendeu de novembro de 2004 até o primeiro semestre de 2005. Não entrarei aqui em detalhes. O projeto fundamental de Lucas a partir de novembro de 2004 era fazer dinheiro de toda forma possível, utilizando o nome e o movimento pelo passe-livre, por exemplo. Princípios políticos, métodos organizativos, ética, tudo se subordinava ao objetivo principal que era fazer dinheiro, e fazer dinheiro em si mesmo: uma verdadeira subordinação ao capital era o que Lucas gostaria, de fato, de implementar. Não vou gastar espaço aqui citando exemplos. Mas obviamente, esses empreendimentos capitalistas eram fundamentados diante do Movimento Passe-Livre e da JRI com base em algum sofisma ou teoria marxista caduca, descontextualizada, historicamente errônea e requentada (algo do tipo: “o comunismo vem depois e como consequência do capitalismo, portanto temos que ajudar a desenvolver o capitalismo...” ahrrrrrr!).

Em parte essa ânsia em ganhar dinheiro e em profissionalizar a “militância” pode ser explicada por ele ter dedicado toda sua juventude à militância política, nunca ter se preocupado devidamente com sua situação econômica individual. A lição que fica é a de que não se pode simplesmente vender os olhos para as questões da sobrevivência individual e da construção da vida econômica do indivíduo, dedicando-se todo tempo e toda energia à militância política. Mais cedo ou mais tarde a vida provavelmente irá cobrar essa negligência, e os vários tijolos que foram colocados para construir a revolução ao longo dos anos através dessa militância, podem vir a ser derrubados facilmente diante dessa cobrança.

Mas o fato é que, naquela terça-feira, foram as virtudes dele, e não seus grandes defeitos, que eu enxerguei novamente, depois de muito tempo que ele havia se afastado das ruas e dos movi-

mentos sociais. Por suas posturas, ele havia se isolado politicamente na cidade.

Bem, mas naquela terça-feira ele foi a única pessoa capaz de conseguir fazer os manifestantes sentarem, ouvirem propostas, votarem as propostas e se guiarem em um rumo comum. Tudo na base do jogral. Além da sua habilidade em falar em público e expor de forma clara as idéias nessas situações, jogou a favor o fato de ele ter uma linguagem mais próxima dos manifestantes (grande maioria de jovens) e de ele não ser ligado a nenhum partido ou entidade. E esse foi sempre um importante diferencial do Passe-Livre nos últimos anos... ser apartidário, estar próximo aos jovens e longe dos esquemas e ranços da esquerda institucional e partidária. E Lucas, de alguma forma, ainda devia ser reconhecido pelo tempo que esteve no Passe-Livre. Sua presença ofuscou as figuras de partidos que até então se revezavam no microfone. Nitidamente os manifestantes davam mais respaldo ao Lucas do que aos outros que tomassem a palavra.

Das três propostas que surgiram, Lucas apresentou uma proposta consensual que unia as três, e que foi aprovada: iríamos em direção à Beira-Mar, fecharíamos o trevo em frente a rodoviária, seguiríamos em passeata pela Beira-Mar e voltaríamos pela avenida Mauro Ramos.

No trevo da rodoviária houve uma certa dispersão. Os manifestantes estavam propensos a seguir os impulsos de qualquer um que gritasse e corresse, o que causava a diluição da manifestação, se espalhando por várias pistas. Recompostos principalmente depois que Lucas tomou novamente a palavra, a passeata seguiu pela Beira-Mar, fechando todas as pistas da avenida. O clima era bom... éramos milhares! E fechar a Beira-Mar aos carros era uma novidade.. ano passado isso não fora feito.

Éramos seguidos por trás pelo batalhão de operações especiais, com todo o seu aparato. Quando nos aproximávamos à altura

da rua Arno Hoeschel uma visão nos faz parar. A tropa de choque desce correndo por essa rua e se alinha em frente a nós, obstruindo a nossa passagem. A passeata estava totalmente pacífica, e nada havia sido depredado. Tudo bem, talvez uma ou outra confusão com algum motorista que queria forçar passagem entre os manifestantes em alguma altura. Mas certamente não era por isso que a polícia estava ali. Ela queria nos enxotar da Beira-Mar, uma das avenidas mais burguesas de Florianópolis, como um cachorro sarnento seria enxotado de um dos prédios ou restaurantes daquela avenida.

Passaram-se alguns minutos, dez ou quinze, e a polícia avançou com bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral, balas de borracha, sem que ninguém tivesse feito nada além de estar caminhando por aquela rua. O avanço da polícia não foi reação a nenhuma agressão por parte dos manifestantes. Era simplesmente parte do plano de enxotar a gente. Parte do plano de suprimir as manifestações militarmente; estratégia da chinelada na guriçada.

Correria. Os manifestantes corriam para trás e se protegiam entre os carros parados, com motoristas e passageiros dentro. Passei por um ônibus vazio da Transol que estranhamente estava atravessado numa das pistas. O ônibus foi apedrejado. Pela versão que ouvi, o motorista teria atravessado propositalmente o ônibus na pista para impedir que os manifestantes que fugiam da carga da polícia conseguissem passar. Passei na corrida também por um BMW estacionado. A Beira-Mar era um lugar bom para esse tipo de manifestação porque, além de ser uma avenida de grande visibilidade e importante, seriam as coisas das classes média-alta e rica que seriam quebradas nesses casos. Mas nada além do ônibus foi quebrado.

Evidentemente, manifestantes ficaram feridos. Mas confesso que achei emocionante e excitante essa “batalha” na Beira-Mar. Batalha entre aspas por que fomos atacados mais do que qualquer

coisa. A Beira-Mar era um cenário interessante, e inusitado para um tumulto daqueles. Não lembro de ter visto algo parecido com aquilo antes por ali, nem em protestos durante os desfiles de sete de setembro.

Uma cena⁵ capturada por um cinegrafista de uma TV comunitária deixou as autoridades e a polícia de calças curtas: nela um companheiro do Movimento Passe-Livre aparecia parado e de mãos para cima. Um policial o derruba, o imobiliza sem resistência alguma e o soca na cabeça até ele desmaiar. Por fim os policiais o arrastam desacordado e o largam no canteiro, como um saco de batatas podre. “Polícia no meu governo não bate em estudante”, dizia o governador ano passado...

A cena foi uma desgraça para o governo e para a polícia. O tipo da coisa que não poderia ser filmado e divulgado. Uma cena verdadeiramente chocante. A TV Floripa (TV comunitária transmitida a cabo) foi valiosa, principalmente na primeira semana de manifestações, mostrando imagens sem edições, e conseguindo uma grande audiência.

Bem, a polícia conseguiu nos tirar da Beira-Mar, nos fazendo caminhar pela saída que dá na rua Felipe Schmidt, bem no centro comercial da cidade. Por lá a manifestação seguiu ainda animada, com algumas pessoas fazendo algumas pichações em muros e vidros de bancos. E outras agredindo essas que faziam as pichações...

Ao contrário do dia anterior, voltei para casa com uma sensação boa, com gosto de vitória. Havíamos vencido naquele dia, sem dúvida. Ocupamos a Beira-Mar, como nunca antes havia sido feito. A polícia teve que expor toda sua brutalidade, e mesmo assim a manifestação continuou. E éramos muitos mais do que no primeiro dia!

⁵ Veja em <http://brasil.indymedia.org/media/2005/06/318144.avi>. O cinegrafista Alex Antunes ganharia o prêmio Vladimir Herzog por seu trabalho em capturar essa cena.

Chegando em casa, escrevi uma mensagem⁶:

“tô cansado, não fiz refeição hoje e tenho que acordar daqui a seis horas...

mandei relato pra lista do passe-livre, você pode ver... hoje foi legal...batalha na Beira-mar, uma avenida bem burguesa... trânsito do centro parado. MPL na mira da repressão política. Soubemos que existe uma lista de 12 pessoas do MPL para serem presas...eles vão querer enquadrar a galera. E isso é muito sério (...). Clima aqui está de terror entre o pessoal do passe-livre. Com o Marcelo mesmo eles já devem ter perdido toda a paciência. (...)

O povo mais velho e mais marcado do MPL não está podendo ir nas manifestações. O Marcelo, a Flora e o André não podem ser presos novamente, e estão fazendo as articulações de bastidores. Eu, como não acho que seja um sujeito marcado, e como não gosto de perder o agito, fui.

Soubemos que a estratégia da polícia era, no primeiro dia, pegar o pessoal do passe-livre. Nisso eles foram felizes até.

⁶ Mensagem privada, destino desconhecido... Lembro de Eduardo Colombo falando sobre como no movimento operário e libertário da primeira metade do século XX havia uma forte ética que regia a relação entre os companheiros de classe, e que foi desaparecendo a partir dos anos 60-70. Na era da simulação, até mesmo nos relacionamentos pessoais muitas vezes não conseguimos distinguir entre o falso e o verdadeiro, entre, por exemplo, uma relação de amizade e uma relação de sujeição. Por isso, o destino das mensagens muitas vezes é desconhecido. Interessante pensar e discutir como os relacionamentos pessoais acabam afetando o desenvolvimento de movimentos sociais e políticos, nesse tempo em que as palavras que significam uma relação vão perdendo o conteúdo, o referente.

Hoje o Lucas apareceu na manifestação no início da noite, e cara, ele foi a única pessoa que conseguiu organizar aquela turba, fazer o pessoal sentar, discutir propostas e votar (nem cara de partido nenhum e entidade nenhuma conseguia, e nem independente nenhum). Ele pegou o microfone só na noite do segundo dia de manifestação e conseguiu exercer uma liderança, e ser reconhecido como tal, como somente o Marcelo teria conseguido. Uma grande pena que ele tenha enveredado por outros caminhos. (...). Se o Lucas não estivesse hoje, talvez a estratégia do segundo dia da polícia (a 'turba' que iria andar como barata tonta e cansar) tivesse dado certo..."

Claro, a questão não era a simples presença dele, mas a atuação dele.

A companheira "L.", do MPL-Floripa, fez algumas observações e análises que considero pertinentes, aguçadas e importantes. Já no primeiro dia de manifestações, pelo temor, sensato, de que a idéia "suicida" e espontaneísta da multidão de ir para a ponte gerasse um efeito negativo para o prosseguimento da resistência nos dias subsequentes, houve uma tendência das decisões começarem a ficar fechadas em um "grupo politizado". Era fácil prever pela composição das ruas, como bem aponta "L.", que não se aceitaria dirigentes. Lembra muito bem ainda, que: "Quando nos sentimos manipulados preferimos nos jogar a novas iniciativas mesmo sem reflexão". E disso decorreria "o grande problema do Comitê de Resistência ao Aumento da Tarifa, que como frente ampla se colocou como representante das massas achando que essas o dariam legitimidade". Mas o que teria ocorrido na terça-feira, depois das prisões, foi que o MPL, que era do comitê o único com certa legitimidade entre os manifestantes, "não estava" mais ali, e o comitê continuou se achando o mais capaz de decidir. E "quanto mais

a massa pirava na ponte, mais o comitê queria o controle e mais se fugia dele nas ruas. Foi aí que o Lucas apareceu, e com grande alívio e muito medo que o vi falar a língua da galera e conseguir encaminhar algo”.

* * *

Quarta-feira, dia 1º de junho, terceiro dia de manifestações. O discurso do prefeito e do governador é de que a prefeitura está de “mãos amarradas” pois o aumento teria sido fruto de uma decisão judicial. O poder judiciário é que não gostou nada de tal discurso oficial dos poderes executivos, que não passava de bravata, de mentira de pernas curtas, e que lançava toda a responsabilidade sobre o judiciário. Uma nota da Associação dos Magistrados de Santa Catarina iria desmentir tal discurso da prefeitura, mostrando que a Justiça apenas havia decidido sobre a legalidade do decreto que concedia o aumento das tarifas. Restou à prefeitura mudar o discurso. Não sendo mais possível jogar a responsabilidade ao judiciário, a justificativa era de que não era possível voltar aos valores anteriores senão as empresas de transporte quebrariam. A prefeitura advogava pelo bolso dos empresários, e não da população.

No terceiro dia de resistência, a manifestação da noite, no centro da cidade, consistiu numa passeata que percorreu a avenida Mauro Ramos e a avenida Beira-Mar, e uma tentativa de entrar na Assembléia Legislativa, onde estaria o governador do estado. A polícia dessa vez não reprimiu. Custou a entenderem que a tentativa de impedimento de passeatas por via repressiva só causava arranhões na imagem da polícia e do governo, e uma publicização a nível nacional do que acontecia em Florianópolis. Um clima de repreensão de certas atitudes que fugiam a um padrão de manifestação “pacífica” começou a existir dentro de uma parcela dos manifestantes.

Não participei da passeata porque fui com mais uns 25 manifestantes até a Barra da Lagoa, onde o prefeito estaria com seus secretários municipais ouvindo as reclamações da comunidade, num desses projetos intitulados “Prefeitura na Comunidade” ou algo do tipo, que serve basicamente para o prefeito angariar simpatia da comunidade fazendo de conta que está preocupada com ela. Creio que o local era uma associação de bairro, ou algo do tipo. Estava cheio. A intenção era conseguirmos a palavra no microfone e/ou cantar algumas palavras de ordem. Logo as autoridades perceberam a presença de “manifestantes no local”, e o número de guardas municipais e policiais militares no recinto foi aumentando. Cada vez as autoridades e os guardas ficavam mais tensos, esperando algum bote dos manifestantes. Eles tinham verdadeiro pavor do que essa gurizada insolente era capaz de fazer, afinal, estavam desafiando nas ruas a polícia e os poderosos, com toda coragem. A primeira dama se retirou da mesa, com o filho do casal. Provavelmente uma medida de precaução.

Modesto Azevedo, presidente da União Florianopolitana das Entidades Comunitárias conseguiu a palavra. Ele havia ido conosco. Fez uma intervenção no nível de radicalidade apropriado para a situação em que estávamos. Algo mais ácido poderia atrair a antipatia dos presentes (que em geral nesses eventos são puxa-sacos dos políticos). Cantamos palavras de ordem ao final, e um informativo do Centro de Mídia Independente foi entregue a todos, inclusive prefeito e secretários. Acho que no final a sensação dos policiais e guardas deve ter sido: “era só isso?”. A intervenção foi positiva.

* * *

Dia 2 de julho, o dia da grande manifestação. Policiais vindos de outras cidades do Estado. Um acampamento da polícia havia sido montado ao lado da rodoviária, que fica a uns cem metros do

TICEN, com banheiro e refeitório. Vinte e quatro horas por dia havia policiais para impedir o bloqueio das pontes no local. Certamente nunca antes em Florianópolis um efetivo tão grande da polícia foi mobilizado tão intensamente e por tanto tempo como naquele mês de manifestações contra o aumento da tarifa.

As autoridades (prefeitura, governo e polícia) estavam realmente preocupadas com aquele dia. Haviam sondado universidades de Joinville achando que partiriam ônibus com manifestantes de lá. Contingentes policiais foram postos na via Expressa, que dá acesso à ilha, para impedir que supostos ônibus de manifestantes chegassem, ou que manifestantes vindos de fora tentassem bloquear a via Expressa como tática de luta. Acho que do lado de lá da barricada, eles, por incrível que pareça, têm mais medo do inimigo do que nós do lado de cá. A paranóia tomou conta deles (também). Não havia absolutamente nada programado sobre manifestantes virem de outras cidades. O que aconteceu de fato é que os protestos em Florianópolis incentivaram e motivaram protestos de mesmo cunho em Blumenau e Criciúma.

À tarde estava eu, num sindicato, junto com outros companheiros do MPL, sindicalistas e militantes do PSTU e UJS, estávamos discutindo o que faríamos na grande manifestação de logo mais. A idéia era sairmos com algo em comum, combinado. Tipo, quem ficaria em cima do carro de som (que nem eu sabia exatamente quem estava pagando), algumas coisas que deveríamos falar e, principalmente, uma proposta comum para a manifestação. Ficou acertado que eu era um dos que deveria subir ao carro de som. Confesso que, apesar da idade, era tarefa inédita para mim. Para falar a verdade, não me sentia muito confortável no papel.

Centenas, milhares de pessoas foram se juntando em frente ao TICEN no final de tarde. A expectativa ia aumentando. A imensa maioria jovens. Jovens sem vinculação com organizações políticas. Jovens com claro repúdio e desconfiança em relação a instituições e partidos políticos... e... .. a carros de som.

Era um carro de som, grande e branco que chegava, já com duas pessoas em cima. Uma da UJS, e a outra pessoa, um homem na faixa dos quarenta anos, próximo aos cinquenta, de barba e chapéu, que definitivamente não era reconhecido pelos manifestantes. Como diria um companheiro na semana seguinte: era um elefante branco chegando com um popstar em cima. Ninguém naquela multidão sabia da onde vinha o caminhão, quem estava pagando o caminhão, e quem era o sujeito ali em cima. Mas na hora, eu só estava preocupado em cumprir meu papel que ficara combinado à tarde no sindicato.

O caminhão chegou com antipatia geral da multidão. E em pouco tempo o microfone foi puxado pra baixo por um manifestante. Bem, os planos combinados naquela reunião da tarde, já estavam dando errado. Quem faz inscrições, quem controla o microfone? Muitos inscritos para falar. As assembleias na rua viravam com frequência uma feira de vaidades, onde todos os pretendentes a líderes, por ego ou por interesse, tinham que tomar a palavra, mesmo que fosse pra dizer o que já havia sido dito. E mesmo se tinham boa vontade de ajudar, acabavam muitas vezes atrapalhando, porque a assembleia ficava insuportável, com falta de objetividade. Além disso, essas figurinhas, ligadas a organizações partidárias ou grupos de esquerda, causavam uma certa repulsa aos jovens que compunham as manifestações.

Me inscrevi. Peguei o microfone para fazer a proposta que havia sido acordada na reunião. Para falar a verdade, não me recordo mais qual era a proposta. Acho que era uma passeata por algum trajeto específico. Mas enfim, fui vaiado quando fiz a proposta, quase não consegui falar. Era “ponte”, apenas “ponte”, e qualquer um que não falasse para ir à “ponte” era vaiado. Evidentemente, o fato de se vaiar uma proposta dessa forma, sem deixar o interlocutor falar direito, não é nada democrático. Mas não dá para exigir muito se as pessoas de fato não têm o costume da democracia direta. Estão acostumadas a ouvirem políticos, patrões e di-

rigentes que decidem por suas vidas, sendo o único recurso para fazer ouvir suas vontades no dia-a-dia a vaia, o grito, a desobediência civil, que, afinal, era o que estávamos fazendo naqueles dias.

Era impossível fazer ganhar qualquer outra proposta. Ir para a ponte ganhou de longe. Absolutamente nada do combinado naquela reunião havia dado certo. Ir para a ponte: missão suicida. De volta e em cima do carro de som, um deputado estadual, junto com algumas outras pessoas que estavam em cima do carro, pediam apenas dez minutos para o deputado negociar a liberação da ponte com o secretário de segurança pública. Prevendo, evidentemente, que o pior poderia acontecer. Mas os jovens foram caminhando em direção à ponte. Alguns bem apressadamente. Era uma turba. Do caminhão, o tio de barba e de chapéu pedia para que voltassem, para que as pessoas ficassem em torno do caminhão. A essa altura, a avenida Paulo Fontes estava cheia de manifestantes dispersos ao seu longo, com aqueles que ficaram próximos ao caminhão, que quase não saiu do lugar, e aqueles próximos à rodoviária, se encaminhando para um dos trevos que dá acesso à ponte. Não havia unidade na ação. O caminhão de som estava bastante desmoralizado, e quase nenhuma diferença faria se fosse outra pessoa a estar em cima dele. Éramos cerca de cinco mil pessoas, creio. A maior concentração de todos os dias de mobilização.

Chegando em frente à rodoviária, uma cena insólita aconteceu. Dezenas, ou centenas de jovens saíram em disparada em direção ao interior dela. Alguém havia tido a idéia de atravessar a rodoviária para tentar chegar à ponte, sendo seguido pelos outros. A idéia não surtiu efeito. A policia esperava do outro lado.

O caminhão de som pedia inutilmente para que as pessoas voltassem e ficassem no seu entorno. Mas o povo estava cada vez mais disperso pelo avenida Paulo Fontes. E os mais endiabrados rumavam para o final da Paulo Fontes, onde ela se encontra com a Beira-Mar, de modo a tentarem chegar à ponte por ali. Mas o batalhão de operações especiais estava esperando. É difícil dizer

que houve confronto, porque na verdade o que houve foi uma ação unilateral da polícia, que atirou bombas de feito moral, balas de borracha, gás lacrimogêneo para afastar os manifestantes, que corajosamente estavam na linha de frente. Pelo menos, aqueles que queriam tanto ocupar a ponte, realmente estavam dispostos a enfrentar de peito aberto a repressão policial. Não se pode reclamar dessa falta de disposição. E nem ver isso como algo negativo. Pelo contrário.

Os ataques da polícia geravam correria, evidentemente. Eu fiquei sempre a uma distância segura, longe do alcance das armas da polícia. Além dos motivos óbvios, eu achava que mais baixas no MPL era tudo que não deveríamos ter naqueles dias. Parecia que estávamos num dia de carnaval, quando uma grande avenida fica tomada pelo povo, por milhares de pessoas perambulando de um lado para o outro. A Paulo Fontes era nossa, do início ao fim. Não havia polícia nela. Nesse dia, nessa “manifestação”, pela quantidade grande de pessoas (avalio em cerca de cinco mil), e pela avenida ser nossa, aqueles que queriam se preservar fisicamente dos ataques da polícia, poderiam o fazer com tranquilidade, apenas mantendo a distância adequada da linha policial. Isso permitia que os espíritos mais dispostos a encarar a polícia, pudessem estar junto numa mesma manifestação com aqueles que não queriam se arriscar a ser alvo de bombas e balas. Havia espaço suficiente para todos. Os “radicais” não colocavam em risco, na situação dada, os mais “pacíficos”.

A polícia fez os manifestantes desistirem da ponte, e voltarem ao TICEN. O caminhão de som, sempre com alguém em cima, clamava pelo caráter “pacífico”. Mas o caminhão já estava em total descompasso com o que ocorria ali embaixo. É bom deixar claro aqui, que esse espírito de enfrentamento com a polícia, de agir de forma contundente nas ruas, não era algo de meia dúzia ou de um grupo de duzentas pessoas na manifestação. Esse era o espírito de grande parte dos manifestantes. E à medida que o tempo corria,

esse espírito impregnou todos os manifestantes, independente de faixa etária. A hora que um grande número de manifestantes, de volta à frente do TICEN, decidiu invadir o terminal, não consegui encontrar uma pessoa sequer que via as cenas com maus olhos. Até eu, naquela altura, já estava xingando o carro de som. Minha autocrítica se deu durante a própria manifestação. É preciso caminhar de acordo com o espírito das ruas, entender a composição dos manifestantes, e pensar o que fazer a partir disso. O que eu vi naquela quinta-feira à noite, dia 2 de julho, era a massa ultrapassando e passando por cima da suposta “vanguarda”. Fiquei sabendo na semana seguinte que o carro de som chegou a ser apedrejado. Sem dúvida, para quem ficou com o microfone em cima do carro, a posição era incômoda. Qualquer fala que não fosse no sentido de fazer com que não se invadissem ou quebrasse algo seria usada para enquadrar o orador em algum crime, já que as autoridades estavam usando tudo e mais um pouco como justificativa para enquadramento criminal. Mas houve um sensível descolamento dos oradores e “organizadores” das pessoas que estavam ali embaixo na rua. Digo isso em relação à reunião que fizemos à tarde no sindicato assim como aos que ficaram no carro de som durante a manifestação.

O TICEN foi invadido. Grades foram derrubadas, vidros foram quebrados. Eram cenas de revolta. Revolta contra aquele sistema de transporte capitalista, ruim e caro. Nunca havia vivido uma verdadeira *riot* (distúrbio, desordem, caos), como se diria em inglês, como aquela. Florianópolis nunca havia vivido uma noite como aquela. Pelo menos não no tempo em que vivi nessa cidade.

Uma guarita de fibra foi totalmente destruída. A sede da Cotisa, consórcio das empresas de transporte que administra os terminais, foi apedrejada, diante dos olhos aprovadores de todos os manifestantes que eu podia ver. Sua fachada de vidro foi totalmente quebrada. Computadores, fax, tudo que havia dentro foi

destruído. Ano passado sua fachada de vidro já havia sido alvo de pedras. (Com a destruição deste ano, a Cotisa resolveu repensar o design da sua sede, mudando a fachada de vidro por concreto, sem janelas e com porta de ferro; uma verdadeira loja maçônica).

Depois de um tempo de incursão dos manifestantes ao TICEN, as bombas da polícia se aproximaram de nós. O caminhão de som finalmente percebeu que não tinha mais o que fazer ali e foi embora. Fui andando junto com algumas centenas que andavam em direção ao terminal antigo e à praça XV. No caminho, barulho de vidros quebrados: eram postos de polícia e coisas do tipo. O centro da cidade era do povo em rebeldia.

Bem, não via mais motivo para ficar ali. Sentia um pouco de apreensão de que algum tumulto entre próprios manifestantes viesse a ocorrer, ou de que alguma pedra sobrasse pra mim. Achei que a manifestação estava já se dispersando e que seria melhor me resguardar para os dias seguintes. Fui embora subindo a rua dos Ilhéus, passando pela frente da Câmara Municipal.

Exatamente no momento em que passava em frente à Câmara, um grupo de manifestantes posicionados ali começou a atirar pedras na dezena de policiais que guardava a entrada da casa. Os policiais ameaçaram uma reação bem na hora que eu passava em frente a eles. Passei, e parei pra observar um pouco à distância. Uma chuva de pedras fez os policiais escolherem bater em retirada, numa cena inusitada. A Câmara ficou livre para ser apedrejada. Fui embora, sem ver a porta de entrada ser arrombada, e manifestantes entrarem e colocarem fogo dentro dela, em cenas que fazem já parte da história da rebeldia do povo de Florianópolis.

Pelo centro da cidade, parecia que havia uma brincadeira real de *polícia-e-ladrão*. Uns tentando andar sem ser vistos pelos outros... os outros correndo atrás dos uns.

O que só fiquei sabendo no dia seguinte é que, quando havia ido embora, centenas ou milhares de manifestantes ainda estavam

em frente ao TICEN. E de lá, um grupo tentou ir à Beira-Mar, sendo impedido pelos ataques da polícia. E outro grupo decidiu ir à prefeitura, sendo dispersos pela tropa de choque quando se aproximavam.

Enquanto as bombas e tiros estouravam pela Paulo Fontes durante a noite, no décimo primeiro e último andar do prédio da prefeitura, o prefeito fazia uma reunião com secretários, vereadores, autoridades. Participavam também dois compas do MPL. Lá de cima eles tinham uma visão privilegiada do que acontecia na Paulo Fontes. A reunião era para discutir a situação na cidade devido ao aumento das tarifas. E a reunião transcorria ao som das bombas de efeito moral, o que deixava o prefeito nitidamente desconfortável e apreensivo. A notícia, trazida por um assessor, de que os manifestantes haviam posto fogo na Câmara de Vereadores, caiu como uma verdadeira bomba. O prefeito começou a ter espasmos numa das faces. O secretário de transporte aconselhou, pela primeira vez, a que o prefeito revogasse o aumento. O medo, e só o medo do povo faz a classe dominante recuar. E eles têm muito mais medo do povo que o povo deles e de sua polícia. Quando souberam que manifestantes se dirigiam à prefeitura o pânico tomou conta dos funcionários, dos secretários da prefeitura e do prefeito. Alguns ligaram para seus familiares desesperados, outros, quase chorando pediam para que as luzes fossem apagadas, de modo que os manifestantes achassem que não havia ninguém ali. Apreensão e medo, muito medo, circulou pelo décimo primeiro andar da prefeitura. Naquele dia, o prefeito teve que ir embora resgatado e escoltado pela polícia.⁷

⁷ Um dos companheiros que estava na reunião na prefeitura me contou, nas palavras dele, “uma história bastante legal e esclarecedora. Na hora que a gente estava na prefeitura, quando vimos que a galera estava vindo, luzes sendo apagadas e tal, os repórteres das rádios entravam ao vivo, dando qualquer boletim, e finalizando a nota dizendo que o prefeito já não estava mais no prédio. Mas estava. Faziam isso, rindo, olhando para os assessores: ‘vamos dar uma ajuda também, né?’”.

Agências bancárias também foram quebradas. Uma delas teve até caixas eletrônicos danificados. Mas dezenas de pessoas foram detidas durante aquela noite. Dezesseis foram presas, entre homens e mulheres, todas arbitrariamente. Alguns que simplesmente filmavam as manifestações como parte de um trabalho acadêmico. Um dos presos era um membro da UJS, presidente de uma das “União Catarinense de Estudantes”, que desde terça-feira tinha sido a figura mais destacada como orador. Havia ficado quase toda a parte do tempo em cima do caminhão de som naquela noite. Foi preso quando estava jantando em um restaurante, num procedimento completamente ilegal por parte da polícia.

* * *

Na sexta-feira o dia começou para mim lá pelas 15h, em frente à Central de Polícia, onde os dezesseis presos do dia anterior estavam encarcerados. Advogados da OAB tentavam negociar a liberação deles. Havia ordem de que fossem transferidos para o presídio. A centena de manifestantes do lado de fora estava ali para pressionar, fazer barulho sobre a criminalização do movimento e tentar impedir essa transferência. Mas foram transferidos no final da tarde para o presídio, sob terrorismo psicológico e humilhações físicas por parte da polícia. À noite, foram finalmente liberados sob pagamento de fiança.

Essas prisões só causaram mais indignação e mais alarde quanto à violação de direitos humanos e civis em Florianópolis.

Às 18h, a concentração na frente do TICEN contava com milhares de pessoas. Fiquei surpreso com a quantidade. Depois do grande dia que tinha sido chamado para quinta-feira, seria natural que na sexta-feira o pessoal desse uma descansada para retomar o fôlego. Mas não, havia duas ou três mil pessoas na rua naque-

la noite. Uma passeata ocupando todas as pistas da Mauro Ramos e da Beira-Mar foi o prato do dia, com parada e assembléia no cruzamento das duas avenidas. Uma bela manifestação, alternando bem, um dia mais agressivo com um dia calmo.

Novamente em frente ao TICEN, uma assembléia foi feita, e uma catraca, que um dia havia sido de um banheiro, foi queimada, numa manifestação simbólica. A assembléia ia se esvaziando aos poucos, em parte por culpa das figurinhas de grupos políticos que fazem sempre questão de falar, mesmo que não tenham nada a acrescentar, e em parte pela dificuldade de se manter por muito tempo um jogral quando a falta de objetividade é grande. O fato é que com a falta de vínculo anterior entre as pessoas que estavam na assembléia, era bastante difícil tirar alguma resolução verdadeiramente exequível, como, por exemplo, montar um acampamento em frente ao TICEN como no ano anterior e como estava sendo proposto. Com a diminuição do número de pessoas, a polícia acabou atacando com bombas de efeito moral. Alguma pedra havia sido atirada pra “justificar” isso? Difícil saber exatamente. Em casa, eu iria escrever mais uma mensagem:

“Aqui a coisa está foda. Ao mesmo tempo que é parecido, é diferente do ano passado. Eu preferi ano passado... está com gosto de reprise, não como ler um livro pela primeira vez.

A criminalização, a repressão e a perseguição política estão maiores... e na cara dura mesmo..

A atuação do MPL tem que ser repensada a meu ver... enfim, muita coisa a avaliar e aprender...

Nunca tinha vivido algo como ontem... caos total no centro da cidade.. foi legal que a quebradeira foi consciente, só a sede do consórcio das empresas de ônibus, o terminal (que é particular), a câmara de vereadores e bancos foram depredados...

chegaram a quebrar caixa eletrônico dentro dos bancos... quebraram a câmara... jogaram molo-tov lá dentro... a prefeitura, com o prefeito e secre-tários dentro escapou por pouco (o d. estava lá dentro e contou como o prefeito e secretários esta-vam apavorados com as manifestações)...Uma verdadeira revolta popular..o centro da cidade do povo... caos, caos... muito bom... mas muitos pro-blemas de organização também...

Era para eu estar no carro de som nesse dia... as coisas não saíram como planejado (ainda bem, porque além de eu virar alvo de prisão, acho que eu estaria fazendo um papel de burocrata, e isso não é punkisse minha, foi o que percebi pelo andar da manifestação...) ...

(...) Enfim... a prefeitura não recua... nem nós... a repressão só não é maior por pressão de uma senhora chamada 'sociedade civil' e de uma outra chamada 'opinião pública'...

Hoje achei que ia esfriar, mas deu muito mais gente que eu imaginava... quanto mais eles reprimem e criminalizam o movimento mais as pes-soas vão pra luta... são burros como uma pedra..."

* * *

O final de semana foi de reuniões. Ao contrário do ano pas-sado, quando uma reunião do Passe-Livre no sábado foi utilizada para definir comissões, uma data de ultimato, entre outras coisas concretas para a semana seguinte, e reunindo não só militantes do Passe-Livre, este ano foram feitas várias reuniões durante o primeiro fim-de-semana de mobilizações, mas muito pouco pro-

dutivas. Pouca coisa de concreto foi realmente tirada para as mobilizações. Essas reuniões se prolongariam pelas tardes da semana seguinte. Eu, vendo que meu lugar era na rua, e que delas pouco se tirava, não mais participei. Parecia que faltava alguém que pensasse estratégias e táticas, e que tivesse suficiente respaldo e que inspirasse confiança nos que estavam nas reuniões. Acho que a desarticulação do MPL contribuiu enormemente para esse estado.

Bem, mas tivemos também uma reunião fechada do MPL. O MPL não teve uma atuação de fato durante a semana. Indivíduos do MPL participaram das manifestações, mas como um movimento organizado, como um coletivo, a atuação deixou muito a desejar. Ainda mais porque do MPL, por bem ou por mal, se espera e se necessita que tenha um papel de ponta-de-lança, como foi ano passado.

Na reunião ficou claro que havia duas perspectivas, duas visões sobre o que estava acontecendo, que não se conciliavam. Uma compartilhada em geral por aqueles que foram afastados das ruas no primeiro dia, devido à prisão e às acusações criminais que sofreram. A outra por aqueles que estiveram nas ruas, nas manifestações, durante a semana.

A perspectiva do primeiro grupo foi construída durante a semana, fortemente influenciada, a meu ver, por dois elementos: a pressão psicológica decorrente das criminalizações e perseguições que estavam sofrendo, e os conteúdos das notas que o presidente da Aprasc⁸ lançara durante a semana. O presidente da Aprasc é de uma idoneidade incontestável. Mas as notas que foram lançadas eram infelizes, a meu ver, em alguns ou vários pontos. Primeiro em fazer uma divisão entre “maus” e “bons” manifestantes. Até porque em geral isso não condizia com a realidade. Não era um

⁸ A Aprasc é a associação dos soldados, cabos e sargentos da Polícia Militar de Santa Catarina.

pequeno grupo que estava disposto a ações mais “ousadas”. Era grande parte dos manifestantes, quando não o espírito geral da manifestação. Segundo, em imputar a um “agitador” em especial, com interesses suspeitos, o desvirtuamento de manifestações “pacíficas” em “quebra-quebra” ou enfrentamento, o que seria o jogo da polícia. E esse agitador seria Lucas de Oliveira⁹, como era implícito nas primeiras notas e como seria explicitado em uma nota na semana seguinte.

Para quem estava nas ruas, não fazia sentido imputar tal papel a Lucas de Oliveira: primeiro porque o único dia em que ele interveio decisivamente e destacadamente foi na terça-feira, mesmo assim apenas facilitando a decisão coletiva de propostas que nem vieram dele; segundo porque as intervenções dele não destoavam do caráter geral das outras intervenções. Possível e provável que Lucas estivesse pensando sua participação com intuito de capitalizar algo do movimento. Mas isso praticamente todas as organizações políticas o fazem. Enfim, as notas da Aprasc alimentaram uma certa “paranóia” nesse grupo do MPL que ficou afastado das ruas, em relação ao direcionamento que estaria sendo dado às manifestações, e em relação à figura específica de Lucas de Oliveira. Talvez também alimentada por uma rixa criada nas brigas e cisões que aconteceram anteriormente. Bem, o fato é que esse grupo acabou levando mais em consideração, na hora de fazer suas avaliações e pensar encaminhamentos, as notas da Aprasc do que os relatos e avaliações dos militantes do MPL que continuaram nas ruas acompanhando de dentro os acontecimentos.

⁹ O destaque que dei anteriormente à presença de Lucas de Oliveira no segundo dia de manifestações se deve tão somente ao fato de ele, erroneamente, a meu ver, ter sido uma figura tão central nas avaliações iniciais de parte do MPL sobre as manifestações, o que acabou influenciando de algum modo a atuação do MPL.

Se a repressão que caiu sobre o MPL já no primeiro dia, por um lado só serviu pra engrossar as manifestações nos dias seguintes, por outro lado criou essa separação dentro do MPL, e instaurou um estado psicológico em vários membros do MPL que os distanciou da frieza e racionalidade necessária que as avaliações e encaminhamentos políticos exigem. Isso fez com que uma unidade do MPL ficasse comprometida. Fez também que um discurso que tendia a ver com maus olhos toda e qualquer manifestação de protesto ou revolta que fugisse de um padrão extremamente “comportado” e “educado” ganhasse força dentro do MPL. Sintoma disso era a tendência em enxergar com facilidade um “provocador” pago ou um P2 entre os manifestantes que não se comportassem de uma certa maneira. Uma tendência a separar não somente “bons” e “maus” manifestantes, mas a boa e má manifestação. O que de fato não parecia uma leitura adequada da composição das manifestações e do espírito que vinha dos manifestantes, e que não era injetado por nenhuma figura ou organização externa.

Sendo assim, na reunião de sábado, a partir do ponto de vista de que era necessário tentar contrapor o caráter “desordeiro” das manifestações, que estaria sendo instilado principalmente por um indivíduo específico, decidiu-se que o MPL convocaria um grande ato na quinta-feira, às 15h, no Largo da Catedral. A idéia era atrair sindicatos, pessoas e setores que não estariam participando das manifestações às 18h no TICEN por receio e por medo. De certa forma, era também tentar criar uma manifestação em que o MPL pudesse ter alguma participação e direcionamento mais efetivo, não por orgulho e vaidade do MPL, mas para que ela tivesse uma maior consequência política.

O que me parecia também, era que o MPL – mas não só ele evidentemente – não estava conseguindo apreender o caráter dialético, contraditório e complementar, entre diferentes formas de manifestação para que um movimento popular seja bem sucedido;

que aparece por exemplo na tão discutida oposição entre “violência” e “não-violência” em movimentos mundo afora.

As manifestações de protesto e revolta mais enérgicas, mais “mal-educadas”, com caráter de confronto, descontrolo e/ou destruição de propriedade, em geral trazem consigo os seguintes aspectos: 1) são as que realmente criam medo no poder, demonstram que a disciplina que sustenta a ordem estabelecida está sendo corrompida pela revolta popular, e o poder só cede por medo; 2) justificam mais facilmente a criminalização do movimento, tanto pela mídia quanto pelas autoridades; 3) torna o movimento mais fácil de ser isolado do restante da sociedade; 4) grande parte das vezes faz com que o movimento tenda a ficar restrito a um grupo ou setor social (claro que isso depende do nível de “mal-educação” das manifestações e do nível de disseminação da insatisfação que gerou os protestos na população); 5) produzem mercadoria-notícia de alto valor para a imprensa capitalista, dando visibilidade local, nacional e até internacional ao movimento, o que por vários motivos é positivo.

As manifestações “bem-educadas”, “pacíficas”, ou seja, passeatas e concentrações, por sua vez: 1) preocupam muito pouco as autoridades e são pouco capazes de criar real pressão para que os que têm poder cedam; 2) favorecem a que a opinião pública tenha uma boa imagem do movimento; 3) dificultam a criminalização do movimento; 4) em geral propiciam uma maior participação de vários setores da sociedade; 5) dificultam seu isolamento em relação ao resto da sociedade.

Um movimento vitorioso, em geral, é o que consegue combinar as doses certas de cada tipo de protesto. Evidentemente, se é o caso de uma insurreição violenta e em massa, ou seja, em que participa a grande maioria da população, há muito menos a temer em termos de criminalização e isolamento. O problema é que essas doses não são matéria de cálculo racional, elas acontecem muito

mais ao acaso do que por um processo que alguém ou algum grupo tenha controle efetivo.

* * *

Segunda-feira, dia 6 de junho, as manifestações continuaram. Mas foi um dia diferente. Os motoristas e cobradores fizeram uma paralisação de dez horas, reivindicando reajuste salarial. Ficaram parados das 8h às 18h. As pessoas que foram cedo até o centro da cidade, depois não tiveram ônibus para voltar para casa pela manhã e ao meio-dia. A situação gerou um desconforto nos usuários, que começavam a se acumular indignados em frente e em torno ao TICEN. Não se tratava dos manifestantes usuais pela redução das tarifas. Espontaneamente e sem organização prévia, os populares começaram a bloquear diversas ruas do centro, ao longo da Paulo Fontes. Eram centenas, mil talvez. E nos bloqueios, nem a moto da guarda municipal conseguia passar. Foram mais efetivos em bloquear o trânsito do que os manifestantes usuais tinham sido até então. A polícia teve que agir para desbloquear as ruas. *O acaso*, nesse dia, parece que foi mais eficiente, politicamente, do que a *determinação*.

Às 18h, em frente ao TICEN, aproximadamente mil pessoas fizeram uma bela passeata fechando totalmente a rua Padre Roma e as avenidas Rio Branco e Mauro Ramos, com a polícia apenas acompanhando. Para um dia com paralisação do transporte coletivo, aquele número e aquela atividade foram bastante satisfatórios. Mas o refluxo começaria a ser sentido no dia seguinte, terça-feira, dia 7 de junho.

* * *

O secretário de segurança pública estava em Paris durante a primeira semana de manifestação. A versão de que a prisão das “lideranças” do MPL no primeiro dia havia sido uma tática desastrosa das autoridades ganhou força na imprensa e nas salas e reuniões, onde se discutia a situação com a presença de algum membro do MPL. Desastrosa porque teria tirado das ruas justamente as pessoas que poderiam ter algum controle sobre as manifestações. Claro que o MPL jogava também com esse discurso, que não deixava de ser verdadeiro, mas com o intuito de que fossem dados salvos condutos aos que tinham sido presos e de que os membros do MPL não fossem mais perseguidos e presos.

Inteligentemente, o secretário de segurança pública, demonstrando habilidade política e, talvez, um certo liberalismo, concedeu esse salvo conduto às “lideranças” do MPL, que assim puderam voltar às ruas. Esperava o secretário que eles fossem domesticar e controlar as manifestações. Uma declaração de que havia sido feito um acordo nesse sentido causou incômodo entre os manifestantes, tendo que o MPL divulgar e distribuir uma nota explicativa de que nenhum acordo havia sido feito.

Terça-feira, dia 7, estavam Marcelo e André de volta às ruas. Mas não eram mais do que algumas centenas de pessoas que vieram se concentrar às 18h na frente do TICEN naquele dia. Foi feita uma passeata em torno da Assembléia Legislativa, depois passando por algumas ruas do centro comercial da cidade. A meu ver, um percurso que não trouxe visibilidade, e nem incômodo nenhum às autoridades.

Por um lado o movimento havia entrado em refluxo, mas por outro lado, nessa semana ocorreram manifestações no Tirio e passeatas que vieram ao centro vindas do continente e do sul da ilha.

* * *

Mais uma quinta-feira chegara. O dia tornado simbólico desde a revolta do ano anterior. O ato chamado pelo MPL para 15h no Largo da Catedral atraiu menos pessoas do que eu esperava. Eram algumas centenas. Vários discursos foram feitos. A criminalização do movimento era uma das pautas. A municipalização dos transportes, com as manifestações deste ano, saiu do conjunto das bizarrices esquerdistas para se tornar uma pauta popular, uma discussão posta na ordem do dia, que começou a aparecer até mesmo nos jornais burgueses.

O ponto alto desse ato na Catedral foi a apresentação da Real Formação de Quadrilha. Eram jovens vestidos de jeca, como numa festa junina, dançando quadrilha. Uma forma criativa e divertida de criticar e mostrar o absurdo da criminalização que estava ocorrendo em relação àquele movimento social. “Olha a bala de borracha!... é mentira...”; “olha a choque chegando... é mentira”... e os casais da quadrilha se refaziam.

No final da tarde a concentração saiu em passeata em direção à prefeitura. Lá, de dentro de uma caixa preta – simbolizando a caixa preta dos transportes que o prefeito tinha prometido abrir durante a campanha eleitoral – foram tiradas bexigas cheias de um líquido simulando xixi. O xixi foi atirado em frente ao prédio da prefeitura. O meu xixi era de verdade, e eu havia trazido de casa numa garrafinha. Na semana anterior o prefeito tinha feito a besteira, própria de gente que quer demonstrar autoridade, de declarar que ele não era “bocó” e de que ninguém iria fazer “xixi” na perna dele, se referindo às manifestações contra o aumento das tarifas. Prato cheio para desmoralizar o prefeito e fazer manifestações criativas. Pensou-se até em produzir uma camisa escrita: “Xixi Nelle”.

Prefeitura bem urinada, a passeata se dirigiu à frente do TI-CEN, para a tradicional manifestação das 18h. Assembléia feita, as figuras de sempre querendo se expressar pra multidão e atrapalhando a objetividade, decidiu-se ir ao Centro Sul, ou seja, fechar

a avenida que passa atrás do TICEN e que é um dos principais acessos tanto ao terminal quanto à ponte. Eu sempre achei que toda manifestação que vai para aquela região perde em visibilidade, e fica um tanto deprê. Lá não há gente circulando, é escuro, só passam carros. E interrompendo o fluxo dos carros lá, só ficamos nós.

Éramos alguns milhares. Interrompeu-se o tráfego de carros e ônibus por lá. Ficamos um bom tempo nessa posição. Havia um caminhão de som. Várias pessoas, como sempre, queriam ir pra ponte. Uma linha da tropa de choque já estava a postos mais adiante na avenida para impedir isso. Uma ousadia sinistra que sempre esteve presente em todos os dias fazia-se presente novamente. Quando boa parte dos manifestantes começou a caminhar ao encontro da tropa de choque (em direção à ponte), o caminhão de som foi embora, assim como os membros do MPL que estavam sob salvo conduto. Subi numa passarela para observar essa ousadia suicida.

A multidão se aproximou dos policiais, ficando cara a cara com eles, sem que nenhum dos lados atacasse. E ficaram assim nessa posição por vários e vários minutos, até que, começando a esvaziar, resolvi ir embora. Ficou explicitamente demonstrado como a atuação da polícia na quinta-feira anterior havia sido totalmente desnecessária. Agora a polícia agia de forma mais inteligente. Deixou os manifestantes se aproximarem dela, ficarem encostados, mas sem os deixar passar. Desse modo não se produziam grandes pautas para os jornais, não trazia custo político pois não havia feridos nem repressão e ainda por cima deixava em nós uma sensação de impotência, de que chegamos ao nosso limite sem termos conseguido nada efetivamente.

Ainda nesse dia a polícia usaria bombas, quando os manifestantes, horas depois, tentaram fechar a Beira-Mar, já em número bem menor.

No dia seguinte, praticamente não houve manifestação em frente ao TICEN.

* * *

Nova reunião do MPL no sábado, dia 11 de junho. Diante do refluxo, e da situação de pouca influência do MPL dentro das manifestações, resolveu-se que faríamos uma ação específica do MPL, como parte agora de uma “guerra de baixa intensidade”. Ocuparíamos a secretaria de transporte, que ficava no quinto andar de um prédio privado no centro da cidade. Ficaríamos acorrentados até que o aumento fosse revogado.

Eu achava uma boa idéia a fazer, mas por outro lado, eu não via apontado ou não conseguia vislumbrar exatamente como venceríamos a guerra. No ano passado houve um ultimato, um grande chamado conjunto à desobediência civil, que fez fechar as portas dos colégios, do comércio, das repartições públicas, sem que nem precisássemos ir às ruas. Esse ano, àquela altura, eu achava que cada vez estava mais difícil ganharmos. Não tínhamos um exército profissional para agüentar ficar nas ruas por mais de duas semanas. As pessoas tinham que voltar aos seus afazeres cotidianos.

De qualquer modo, toda a preparação e ação de ocupação foram imensamente pedagógicas para a garotada e para todos nós. Tivemos que ter muita disciplina, formar comissões responsáveis por comunicação, alimentação, apoio jurídico, entre outras. Tivemos que acertar os relógios, fazer tudo pontualmente, para que nada desse errado. Cerca de vinte militantes se acorrentaram dentro da secretaria, na terça-feira, dia 14 de junho, às 14h15.¹⁰ Conseguimos uma boa repercussão. Mas no início da noite, saímos de

¹⁰ Leia aqui o manifesto que foi divulgado pelo MPL:
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/06/319963.shtml>

lá. O prédio era privado, e a polícia iria nos retirar a força... Aos que, como fogo de palha, achavam que venceriam a guerra tacando pedras na polícia no primeiro dia, foi uma demonstração de organização, dedicação e de fôlego a realização dessa ocupação na terceira semana de manifestações.

Da Secretaria de Transporte fomos à Câmara de Vereadores, onde seria discutido um projeto que a prefeitura estava encaminhando, no qual apontava a redução das tarifas através de subsídio municipal. Pelo projeto, a prefeitura subsidiaria o retorno ao patamar anterior as tarifas que tinham valor acima de dois reais. Com a nossa presença na casa, nossa entrada forçada na sala de reuniões da Câmara e um discurso bem articulado, os vereadores se sentiram pressionados o suficiente para acrescentarem um “substitutivo global” ao projeto, garantindo que todas as linhas tivessem a tarifa subsidiada ao valor anterior, e não apenas aquelas cuja tarifa era mais de dois reais.

Naquela semana, ações e bloqueios aconteciam em torno da UFSC, com universitários e secundaristas, que mantiveram acesa a chama das manifestações de rua.

* * *

No início daquela semana algumas pessoas haviam divulgado através de cartazes e panfletos um chamado para uma grande manifestação na... quinta-feira. Acabei indo pra ver no que ia dar. Vários outros companheiros do MPL também foram, como sempre. Mas não tomamos papel ativo, pelo menos inicialmente. Diferentemente dos outros dias, às 18h em ponto a passeata saiu do TICEN. Não sabia eu para onde ela se dirigia, não havia visto sequer uma assembléia decidir algo. Inicialmente até me neguei fazer o papel de ovelha e resolvi não seguir a passeata (seguir uma passeata que não sei aonde estaria indo). Mas acabei indo, pelo menos para

observar. Ela ia à prefeitura. Chegando lá, das centenas de pessoas ali, várias esbravejaram contra a prefeitura. Na impossibilidade patente de se entrar na prefeitura (havia policiais da tropa de choque fazendo guarda), a passeata se dirigiu ao Centro Sul, para parar o trânsito por lá. No caminho, novamente eu e nem a maioria sabia para onde estávamos indo, mas fomos. Éramos cerca de 600, creio. Paramos o tráfego naquela região. Um ou outro ônibus foi pichado, uma ou outra pedra foi atirada em algum ônibus.

Os minutos passavam, e parecia que o trânsito no centro da cidade estava verdadeiramente congestionado. De longe, víamos que o trânsito em cima da ponte estava parado. Sentia falta do L. F. naquele dia, incansável e admirável militante do MPL. Só falar nele que ele apareceu, ele estava em outro *front*, que nem sabíamos que havia. Como a passeata havia saído exatamente às 18h, depois desse horário, as pessoas que chegaram em frente ao TICEN acabaram dando origem a uma outra manifestação, que acabou bloqueando a Paulo Fontes pela altura da rodoviária.

Fui buscar minha bicicleta, que havia deixado amarrada em frente ao TICEN. No caminho fui percebendo como estava realmente tudo parado, digo, o trânsito. Nada havia sido combinado, e justamente no dia que parecia tudo menos organizado, e se esperava menos, o acaso acabou fazendo com que os manifestantes ficassem divididos em dois pontos estratégicos, bloqueando todas as entradas ao TICEN e os acessos à ponte. Com os ônibus parados nas ruas, sem poder entrar no terminal, eles atravancavam ainda mais o trânsito.

Quando cheguei em frente ao TICEN já ouvi as primeiras bombas de efeito moral da polícia, fazendo os manifestantes recuarem. Meia hora de trânsito parado na cidade era o suficiente para a polícia atacar. A tropa de choque começou a avançar também no Centro Sul, com o mesmo arsenal de sempre. Os manifestantes foram sendo acudados para frente do TICEN. Mas para a polícia não bastava desbloquear o trânsito. Parecia que ela queria que

simplesmente evaporássemos. Porque mesmo quando todos estavam acuados em frente ao TICEN os ataques não pararam. Galhos de árvore caíram com tiros de bala de borracha. Muitos revidaram com pedras. Até a população que assistia jogou pedra na polícia. A ação da tropa de choque fez com que a única saída para os manifestantes fosse correr para dentro do centro comercial. E a indignação pela situação fez começar um quebra-quebra. Eu e outros no meio do turbilhão que passou pela rua Felipe Schmidt entre outras, tentávamos ao menos politizar os alvos.

Vários bancos foram apedrejados, assim como prédios públicos ligados a prefeitura e ao governo do estado. Algumas lojas também tiveram vidros quebrados. Orelhões foram destruídos. Eu estava de bicicleta no meio do tufão que passou pela Felipe Schmidt. Vi três orelhões juntos serem facilmente arrancados do chão por uma única pessoa. Sabia na hora que aquele orelhão iria ser o personagem principal dos noticiários de TV no dia seguinte, que obviamente se preocuparam mais em mostrar e criminalizar a destruição de propriedade do que em mostrar os manifestantes feridos e hospitalizados pela polícia.

Pelas ruas estreitas do centro, a polícia perseguia os manifestantes, atirando bombas e balas de borracha, que acertavam rostos e também quebravam vidraças de bancos. Prisões arbitrárias foram feitas como sempre. Fianças cobradas. Sem dúvida, a ação brutal da polícia é que desencadeou a destruição de propriedade.

Manifestantes voltaram ainda a se concentrar em frente ao TICEN, e levaram bombas da polícia. Mais uma quinta-feira de caos no centro de Florianópolis. Mas um dia que não esquecerei.

O secretário de segurança pública estava em um dos prédios que foram atingidos pela destruição. Depois de passado o tufão ele saiu às ruas para ver o saldo. Sua declaração era de que os alvos eram políticos: bancos, prédios do estado e da prefeitura... o orelhão... Bem, as privatizações sempre têm um lado bom, agora

destruir orelhão é se manifestar contra as corporações multinacionais.

O dia seguinte foi de chuva intensa. Dia sem manifestação. Mas como eu temia, a imprensa começou a criminalizar e desqualificar o movimento como não havia feito antes. Agora sim comecei a achar que iríamos entrar numa situação bastante difícil em relação à opinião pública, moldada de acordo com todo o peso lançado pela imprensa capitalista.

Mas o fato é que a quinta-feira, dia 16 de junho, fez o prefeito repensar mais uma vez... A situação na cidade estava ficando insustentável, e o prefeito estava ficando isolado, cada vez mais isolado. O custo político já estava pesando demais ao governo do estado, até o líder do governo do legislativo municipal já fazia duras críticas ao executivo....

Na sexta-feira à noite, dia 17 de junho, os vereadores ineditamente iriam “trabalhar” e aprovar o projeto de redução das tarifas através de subsídio municipal, com o substitutivo global, apresentado pelo próprio legislativo, que incorporava todos os patamares de tarifa ao subsídio.

A terceira semana de manifestações havia se encerrado:

“Aqui o bicho pegou na última quinta-feira... e a burguesia apavora quando o povo demonstra revolta nas ruas... cara, fiquei bem no meio de um tufão de quebra-quebra... dá medo até. O louco é que a manifestação dessa quinta não foi nem chamada pelo passe-livre... foi a mais ‘desorganizada’ de todas, mas ao mesmo tempo, com menos de mil pessoas, conseguiu literalmente parar todo o centro da cidade, o terminal do centro e as pontes por meia hora, até a polícia vir com toda brutalidade, o que gerou o quebra-quebra. Nenhuma outra manifestação tinha conseguido

parar a cidade desse jeito. É que a galera, espontaneamente e sem coordenação, fechou dois pontos diferentes do centro (a frente e os fundos do terminal do centro).

Acho que a redução das tarifas com subsídio já é uma vitória, porque pro povão o que ele vai ver é a tarifa baixar... e isso tudo é bastante pedagógico.. fica a lembrança mais uma vez de que saindo nas ruas o povo consegue as coisas, etc., etc.

Olha, se as tarifas baixarem fica difícil continuar as mobilizações de massa e mobilizações de fechamento de ruas, etc. Mas a intenção é manter a discussão sobre a municipalização dos transportes, que foi algo importante que conseguimos esse ano nessas manifestações. A discussão está posta, pelo menos na mídia escrita. Outra coisa importante é que todos os vereadores, inclusive os do partido do prefeito, estão a favor do passe-livre agora... pelo menos foi o que discursaram na sessão que aprovou o projeto de redução das tarifas com subsídio. Isso entre outras coisas porque a prefeitura dizia que não tinha dinheiro pra bancar o passe-livre e agora mostra que tem dinheiro, pois vai subsidiar as tarifas... Isso não deixa de ser um ponto pra gente."

* * *

No final de semana, já que o prefeito não havia sancionado o projeto de subsídio na sexta-feira à noite, decidimos na reunião do MPL que faríamos um acampamento/vigília em frente à prefei-

tura durante toda a segunda-feira, de modo a pressionar o prefeito a sancionar o projeto (os primeiros a colocar os pés na rua para resistir ao aumento e os últimos a sair... à dedicação do MPL não cabe, evidentemente, nenhuma autocrítica). Àquela altura dos acontecimentos, estranhamente o prefeito não sancionou o projeto nem sequer na segunda-feira, dia 20 de junho. Estaria ele ainda querendo “resistir” a três semanas seguidas de mobilização e de caos na cidade, e que lhe impuseram um isolamento político?

Na terça-feira, dia 21 de junho, ele também não sancionaria o projeto de lei. Ele iria além, simplesmente revogaria o aumento das tarifas, voltando ao preço anterior. O discurso do prefeito agora era de que, uma vez que as empresas de transporte participaram da implementação desse sistema, elas portanto deveriam arcar com o custo disso. O isolamento causado pela pressão e revolta popular fez o prefeito preferir, momentaneamente, trocar a advocacia das empresas pela advocacia do povo. A tarifa foi reduzida sem subsídio público. O prefeito mudou seu discurso em 180 graus. Um governo de esquerda ou de direita é uma questão de mobilização popular, de revolta nas ruas, muito mais do que de um número digitado a cada quatro anos.

A revogação pura e simples do aumento teria sido a forma do prefeito, naquela situação, evitar terminar e ser lembrado como vilão da história e o legislativo como o “solucionador”? A revogação pura e simples do aumento teria sido assim uma forma do prefeito conseguir “sair por cima” do legislativo, diante da situação? É provável que sim. É provável que isto tenha pesado na balança, para a decisão da revogação do aumento. Diante disso, não é difícil concluir que a presença e atuação de manifestantes na Câmara de Vereadores, no dia 14 de junho, acabou tendo um importante papel na revogação do aumento – por forçar os vereadores a irem mais além do projeto do prefeito. Sem dúvida, o “caos” criado no dia 16 de junho à noite na cidade, também foi determinante no desenrolar final e vitorioso da guerra (para a população). A primeira,

uma ação bem calculada e razoavelmente planejada, e relativamente “bem comportada”. A segunda, pouco ou nada planejada, em que o acaso teve uma forte presença, e que ficou marcada como um forte e impressionante distúrbio de rua. Um exemplo de como diferentes práticas e formas de ação, que muitas vezes parecem ser contraditórias, acabam se combinando em um processo maior e vitorioso.

* * *

Uma conquista inestimável das mobilizações de 2005 foi ter conseguido lançar publicamente e ter difundido a idéia de municipalização dos transportes, que é um grande passo para a desmercantilização desse serviço. Com o fim das manifestações, a tendência é que essa discussão saia da ordem do dia. Mas de qualquer forma, ela já não é algo relativo a um grupo de extremistas como se suporia tempos atrás.

E essas lutas sociais em torno da redução das tarifas de ônibus, tanto em Florianópolis, quanto em outros lugares, é algo que não pode ser mais abafado. É fato consumado que os estudantes e a população irão cada vez mais ir para as ruas mobilizados em torno dessa questão social. Percebendo isso, aos empresários do setor só resta tentar recuperar essa luta e essa insatisfação em proveito próprio. O MDT (Movimento pelo Direito ao Transporte), através da campanha pela Tarifa Cidadã é a prova disso, e portanto a prova da força e do potencial dessas mobilizações populares.

Sim, dizem os empresários, a tarifa está muito cara, e a culpa é dos altos impostos e das gratuidades existentes no sistema...

Mas nós temos uma visão anticapitalista do problema...

* * *

Embora as revoltas contra os aumentos das tarifas de ônibus em Florianópolis devam muito ao trabalho feito pelo Passe-Livre nos últimos anos, em 2005, após os estudantes e a população terem se lançado às ruas, a influência do MPL na condução do processo foi relativamente pequena, talvez, se comparada ao ano anterior. A vitória foi conquistada, mas uma questão se pôs: a relação entre a multidão e grupos políticos organizados; a questão da direção de um movimento social. Qual o papel de um grupo que se coloca a tarefa de pensar a efetividade política (a conquista das reivindicações) das mobilizações populares?

Quando falo de direção não falo de mando e obediência, e nem de manipulação das massas. Falo de um grupo que pensa, planeja, discute e estuda as questões sociais em torno do levante popular, assim como o dia-a-dia do levante, de modo a se chegar à conquista das reivindicações do movimento. Ora, tal papel de direção se faz necessário partindo do pressuposto que, deixada à sua própria dinâmica, a revolta popular somente por acaso e pouco provavelmente se efetivaria nas conquistas almeçadas. Esse direcionamento, esse grupo articulador, propulsionador e pensante, visaria portanto aumentar a probabilidade de que a revolta popular se reflita no atendimento ou conquista das reivindicações. Uma lição que talvez possa ser tirada da guerra da tarifa de 2005 é a de que não existe um modelo de direção a ser adotado para todo e qualquer levante ou movimento popular. A questão é: qual tipo e forma de direção é possível (e desejável) em determinado levante ou movimento popular? Por exemplo, com certa composição social a única direção efetiva, possível e desejável, não é aquela que tenta disciplinar, moldar ou controlar o comportamento social a um ideal, mas aquela que consegue encontrar e pôr em uma sequência virtuosa as práticas diversas, aparentemente antagônicas e espontâneas que surgem da movimentação social. A boa direção e a direção possível, nesses casos, é a que sabe jogar, compor e cri-

ar com as práticas produzidas de forma autônoma pela movimentação social.

De outro modo, ocorre o que Kenneth Rexroth observou bem, por exemplo, quando dos protestos da juventude norte-americana nos anos 60 contra a guerra do Vietnã: quando grupos políticos tentavam forçar os protestos em seus canais e programas, descobriam que os manifestantes haviam repentinamente sumido, e/ou que os grupos mais “violentos” e “loucos” eram, sem dúvida, aos olhos deles, formados em 75% por *agentes provocadores*¹¹.

É claro que, na atuação do MPL-Floripa, era possível enxergar as duas tentativas de direção apontadas acima, em diferentes momentos e diante de diferentes circunstâncias: uma mais *disciplinar*, digamos, e outra mais invisível, que tentava articular em vitória a revolta popular como um todo, com as diferentes práticas que a compunham.

Se o movimento contra o aumento das tarifas em 2005 foi rico em experiências, certamente um dos motivos foi ter sido um processo em que contradições surgiam e se colocavam diante de nós. Parecia que muitas posições e situações se alteravam e alternavam com imensa velocidade. Contradições e antinomias que perpassam os processos e fenômenos sociais e que, aqueles que se lançam à prática das lutas sociais se vêem envolvidos, muitas vezes, restando tirar proveito, superar ou aprender a partir delas.

* * *

Tento aqui fazer uma autocrítica como membro do MPL-Floripa, em que pese não termos conseguido ajudar mais eficien-

¹¹ Veja, de Kenneth Rexroth, *The Making of the Counterculture*: <http://www.bopsecrets.org/rexroth/essays/counterculture.htm>

temente ao movimento social alcançar mais facilmente e rapidamente seus objetivos, que eram evidentemente também os nossos. Seguem alguns pontos:

- Muitas vezes, durante o processo, me pareceu que o MPL-Floripa havia perdido o contato e o entendimento do modo de ser, agir e pensar da juventude. Tudo aquilo que tinha sido um dos grandes diferenciais e uma das qualidades da JRI e do MPL. Lembro por exemplo de um camarada, dirigente local do PT, que em reuniões expôs uma análise do movimento muito mais libertária e sensata do que nós do MPL-Floripa em geral estávamos tendo, compreendendo muito melhor a dinâmica e as características da composição juvenil do movimento.
- Outro ponto de autocrítica e avaliação é a dependência que se notou em relação às “lideranças” que foram presas no primeiro dia. O restante do MPL demonstrou não estar preparado pra assumir o lugar e ter respaldo dos estudantes nas concentrações e manifestações nas ruas. Faltou a experiência, a prática e o reconhecimento para organizar, falar e conduzir manifestações de rua.
- Outro ponto foi a falha na comunicação com os manifestantes sobre os passos que o MPL-Floripa estava dando fora das ruas. Reuniões que eram feitas com autoridades, divulgadas ou não pela imprensa, causavam desconfiança em boa parte de manifestantes que estavam nas ruas. O receio era de que membros do MPL-Floripa estivessem negociando com as autoridades em nome do movimento que se fazia nas ruas. Faltou sem dúvida esclarecimento sobre o conteúdo dessas reuniões

etc. Essa falta de comunicação, e também esses receios, não deixam de ser um sintoma da relativa perda de contato que o MPL-Floripa acabou tendo em relação a muitos que também faziam o movimento nas ruas. O MPL talvez tenha ficado próximo de ser visto com aversão por boa parte desses manifestantes, correndo o risco de ser posto no mesmo conjunto das entidades estudantis e partidos políticos repudiados e desconfiados pela juventude que tomava as ruas. Sendo assim, nunca é demais lembrar que a frente do MPL deve ser construída acima de tudo com a população, com as pessoas comuns que vão para as ruas, mais do que com entidades e grupos políticos. Certamente essa falha na comunicação e no contato não foi privilégio do MPL-Floripa, mas de todos que compuseram o Comitê de Resistência. A única diferença é que o MPL-Floripa talvez fosse o único a ter uma credibilidade e respaldo a perder, em relação a outras entidades e organizações.

- A meu ver houve este ano uma perda de capacidade de planejar uma estratégia para a vitória, como no ano passado em que se planejou e se efetivou um ultimato. Talvez isso tenha ocorrido em parte também como resultado da repressão acentuada sobre militantes do MPL já no primeiro dia de manifestações, fazendo com que o MPL ficasse mais preocupado em descriminalizar a si próprio e ao movimento como um todo, e tendo mais dificuldade assim de pensar os golpes finalizadores a dar.

* * *

Gostaria agora de tocar em um ponto que diz respeito a revoltas em torno da tarifa do transporte que eclodiram em outros cantos do país, e que diferentemente das que aconteceram nos últimos anos em Florianópolis, não resultaram na redução das tarifas. Nesses lugares, em geral se viu, e se reclamou, o movimento ter sido minado e esvaziado pela ação de dirigentes de entidades estudantis/partidos políticos, que acabavam se colocando como lideranças e dirigentes de um movimento que nada ou muito pouco tinha a ver com essas entidades, sentando à mesa e fazendo negociações com as autoridades, alheios aos verdadeiros anseios dos que foram às ruas. A multidão se fez nas ruas, de forma independente e autônoma a esses dirigentes e entidades, com forte grau de rechaço a eles. Como então se explica esses partidos e entidades se colocarem à frente e negociarem em nome do movimento? E pior, como então que com negociações alheias aos anseios do movimento conseguissem de fato esvaziá-lo?

Isso talvez se explique pelas pessoas que constituem essa multidão politicamente independente e autônoma deixarem vazios certos espaços, não criarem elas a sua direção (se auto-dirigirem!), não se articularem suficientemente. Deixarem vazios os espaços de fala durante as manifestações, para citar apenas um exemplo visível. Por serem independentes e autônomos mas desarticulados (ou insuficientemente articulados), o movimento fica à mercê daqueles que, por serem articulados e bem organizados se apontam como líderes, embora de fato não sejam os melhores representantes ou formalizadores do espírito, das práticas e dos anseios do movimento real. Não são os melhores, mas são os únicos...

Isso não aconteceu em Florianópolis em 2004 e nem em 2005. Porque essa independência e autonomia que tem impulsionado revoltas pelo Brasil, teve em grande medida no MPL (principalmente em 2004) a expressão de sua articulação, não deixando os vazios acima mencionados, pelo menos não a ponto de que o movimento pudesse ser minado ou esvaziado.

* * *

De Salvador a Florianópolis. De Vitória a Uberlândia. De Campinas a Vitória da Conquista. Por todo o Brasil se acumulam com cada vez maior frequência movimentos e revoltas em torno da questão do transporte coletivo. Um grande rechaço aos partidos políticos, às instituições, às entidades constituídas, às hierarquias, é a marca da composição juvenil que protagoniza essas manifestações. Época em que a independência, a autonomia e a rebeldia da juventude estão sendo constituintes não só de manifestações, mas de um novo ciclo de lutas sociais urbanas, capaz, quem sabe, de mudar o panorama das lutas sociais no Brasil. Até agora, a potência política que brota dessa independência, autonomia e rebeldia constituintes, tem tido sua expressão mais elaborada no MPL. A constituição do MPL como articulação nacional dessa independência e dessa rebeldia pode, assim esperamos, abrir e produzir histórias inesperadas até poucos anos atrás, em que essas guerras da tarifa de Florianópolis sejam apenas um prelúdio...

Leo Vinicius
Julho de 2005

“A notícia, trazida por um assessor, de que os manifestantes haviam posto fogo na Câmara de Vereadores, caiu como uma verdadeira bomba. O prefeito começou a ter espasmos numa das faces. O secretário de transporte aconselhou, pela primeira vez, a que o prefeito revogasse o aumento. O medo, e só o medo do povo faz a classe dominante recuar. E eles têm



muito mais medo do povo que o povo deles e de sua polícia. Quando souberam que manifestantes se dirigiam à prefeitura o pânico tomou conta dos funcionários, dos secretários da prefeitura e do prefeito. Alguns ligaram para seus familiares desesperados, outros, quase chorando pediam para que as luzes fossem apagadas, de modo que os manifestantes achassem que não havia ninguém ali. Apreensão e medo, muito medo, circulou pelo décimo primeiro andar da prefeitura. Naquele dia, o prefeito teve que ir embora resgatado e escoltado pela polícia.”

[...]

“Por todo o Brasil se acumulam com cada vez maior frequência movimentos e revoltas em torno da questão do transporte coletivo. Um grande rechaço aos partidos políticos, às instituições, às entidades constituídas, às hierarquias, é a marca da composição juvenil que protagoniza essas manifestações. Época em que a independência, a autonomia e a rebeldia da juventude estão sendo constituintes não só de manifestações, mas de um novo ciclo de lutas sociais urbanas, capaz, quem sabe, de mudar o panorama das lutas sociais no Brasil.”

Leo Vinicius